



# *Rosa Roberts*

LEVADO  
PELO MAR

*Tradução de Carla Ferraz*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



TÍTULO: *Levado pelo Mar*  
AUTORIA: *Nora Roberts*  
EDITORIA: *Maria João Costa*  
*Esta edição © 2007 Edições Chá das Cinco Lda.*  
*Título original Sea Swept © 1998 Nora Roberts*  
*Publicado originalmente nos EUA por Jove, 1998*

TRADUÇÃO: *Carla Ferraz*  
REVISÃO: *Idalina Morgado*  
COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*  
DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*  
1ª EDIÇÃO: *Novembro, 2007*  
ISBN: *978-989-8032-20-1*  
DEPÓSITO LEGAL: *264894/07*

*Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência*  
*Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*  
TEL E FAX: *214 583 770*  
WWW.CHADASCINCO.COM

Caro Leitor,

*Gosto de homens. Ainda bem que assim é, uma vez que tenho quatro irmãos mais velhos. Cresci em desvantagem e depois tive dois filhos e continuei em minoria. Tive de optar entre gostar deles, apreciá-los e fazer o melhor por os compreender, ou desatar a fugir aos gritos.*

*Gosto de escrever sobre homens — as suas mentes, corações, esperanças e sonhos. Gosto particularmente de explorar a dinâmica entre os homens: irmãos, pais e filhos, amigos. Por isso, pareceu-me natural mergulhar neste tipo de relacionamentos e criar uma série.*

*Cameron, Ethan e Phillip eram todos jovens rapazes problemáticos, que foram adoptados em períodos difíceis das suas vidas por Raymond e Stella Quinn. Não partilhavam o mesmo sangue, mas tornaram-se numa família. Em Levado pelo Mar, a história de Cameron, a família enfrenta a tragédia e o escândalo, de tal forma que as suas vidas nunca mais serão as mesmas. Cameron leva a vida irresponsável de um temerário, desde que deixou a calma comunidade da Costa Leste de Maryland, onde Ray e Stella o educaram, juntamente com os irmãos. Gosta de barcos rápidos, carros velozes e de mulheres que não perdem tempo. Agora, sentiu o chamamento de casa, não só para se despedir do único pai que alguma vez amou, mas também para enfrentar o desafio de cuidar do último rapaz perdido que Ray insistiu em resgatar.*

*Quem é Seth, o rapazinho matreiro que Ray, moribundo, pediu que os filhos protegessem? Para descobrir, e para cumprir a promessa, Cameron vai ter de relegar para segundo plano a vida que escolheu. Terá de lidar com uma certa assistente social, sensual, que está tão determinada quanto ele em dar a Seth o lar que merece. Anna Spinelli é uma mulher cheia de surpresas e desafios. Espero que gostem dos Quinn, homens que estão dispostos a lutar para cumprir uma promessa.*

Nora Roberts

*Para Mary Blayney,  
de coração quente e generoso*

## PRÓLOGO

Cameron Quinn não estava bem bêbedo. Se quisesse, conseguia lá chegar, mas por agora preferia o torpor confortável e simpático da aproximação. Gostava de pensar que a única coisa que o mantinha inteiro era a sorte de estar sempre dois passos atrás do desmazelo.

Acreditava piamente nas oscilações da sorte e, agora, a dele fluía bastante rápida e quente. Ainda no dia anterior, competira com o barco e saíra vitorioso no campeonato mundial, rompendo a recta da meta com a extremidade da proa e quebrando o recorde actual de tempo e velocidade.

Conquistara a glória e o dinheiro fáceis, partira com ambos para Monte Carlo, para ver como é que as coisas corriam.

Acabaram por correr muito bem.

Umás jogadas de bacará, algumas investidas aos dados, uma carta virada e a carteira já lhe parecia mais pesada. Entre os *paparazzi* e um jornalista da *Sports Illustrated*, a glória não revelava sinais de esmorecer.

A fortuna continuava a sorrir-lhe — não, sem segundas intenções, pensava Cameron — por o colocar naquela jóia do Mediterrâneo, ao mesmo tempo que aquela revista tão popular realizava a sessão fotográfica da edição em fatos de banho.

E a maravilha dotada com um par de pernas digno de Deus voltara para ele os seus olhos azuis cor de Verão, esboçando nos lábios carnudos um convite que um cego haveria de perceber, o que o obrigou a ficar mais alguns dias.

E ela tornara claro que, com muito pouco esforço, ele podia ser ainda mais sortudo.

Champanhe, casinos generosos, sexo fácil e sem compromisso. Claro que sim, pensava Cameron, divertido, a sorte estava definitivamente do seu lado.

Quando saíram do casino, penetrando na noite balsâmica de Março, um dos *paparazzi* saltou-lhes em cima, tirando fotografias de forma frenética. A mulher fez beicinho — afinal de contas, essa era a sua imagem de marca — mas, num gesto astuto, lançou para trás as suas intermináveis melenas de cabelo louro platinado repletas de laços, movimentando o corpo fatal de forma experiente. O vestido vermelho cor de pecado, quase tão fino como uma camada de tinta, detinha-se abruptamente mesmo a sul das Portas do Paraíso.

Cameron limitava-se a sorrir.

— São cá uma praga, — comentou ela, com um rasto de ceceio ou de sotaque francês. Cameron nunca tinha a certeza qual dos dois era. Ela suspirou, testando a robustez daquela seda fina, para deixar que Cameron a guiasse pela rua iluminada pela Lua. — Para todos os lados que olho, vejo uma máquina fotográfica. Estou tão farta de ser vista como um objecto de prazer dos homens.

Oh, sim, claro, pensava ele. E porque achava que os dois primavam pela superficialidade típica de um ribeiro após uma seca extrema, riu-se e tomou-a nos braços. — Porque é que não lhes damos algo para encher a primeira página, querida?

Desceu a boca até à dela. O seu sabor atçou-lhe as hormonas, envolvendo-lhe a imaginação, levando-o a bendizer o hotel que ficava apenas a dois quartos dali.

Ela deslizou os dedos pelo cabelo dele. Gostava de um homem de cabelo farto, e o dele era forte e espesso, negro como a noite que os envolvia. Tinha o corpo duro, todo musculado e seco, esculpido em linhas disciplinadas. Ela era muito selectiva com o corpo de um potencial amante, e o corpo dele ajustava-se em grande medida aos seus severos requisitos.

As mãos dele eram um pouco mais rudes do que gostaria. Não era a pressão nem a forma como se moviam — isso era adorável — mas a textura. Eram as mãos de um trabalhador, mas ela estava disposta a relegar a sua falta de classe em prol da sua destreza.

Ele tinha um rosto intrigante. Não era belo. Ela nunca se juntaria, muito menos permitiria que a fotografassem, com um homem mais belo do que ela. Havia uma dureza no seu rosto, uma firmeza que ia para além da pele bronzeada, lisa sobre os ossos. Eram os seus olhos, pensava ela, enquanto ria suavemente, despreocupada. Eram cinzentos, mais da cor do sílex do que do fumo, e guardavam segredos.

Gostava de um homem com segredos, uma vez que nenhum deles resistia muito tempo a contar-lhos.

— És um menino traquinas, Cameron. — O sotaque sentiu-se na última sílaba. Bateu com um dedo na boca dele, uma boca que não ostentava nenhuma espécie de suavidade.

— É o que me dizem sempre... — Teve de pensar por instantes, ao sentir que o nome dela lhe fugia pelos cantos da mente. — Martine.

— Esta noite, talvez te deixe ser traquinas.

— Estou a contar com isso, docinho. — Virou-se na direcção do hotel, lançando um olhar furtivo. A dois metros de distância, era como se ela estivesse colada a ele. — Na minha suite ou na tua?

— Na tua. — Respondeu ela, ronronando. — Se mandares vir outra garrafa de champanhe, talvez te deixe tentar seduzires-me.

Cameron ergueu o sobrolho, pedindo a chave na recepção. — Quero uma garrafa de Cristal, duas taças e uma rosa vermelha, — disse ao empregado, mantendo o olhar fixo em Martine. — Imediatamente.

— Sim, *Monsieur* Quinn, eu trato disso.

— Uma rosa. — Ela flutuou na direcção dele, ao dirigirem-se para o elevador. — Que romântico.

— Oh, também querias uma? — O sorriso confuso que ela lhe lançara revelou que o humor não devia ser o seu forte. Seria melhor esquecerem as gargalhadas e a conversa, decidiu ele, e irem directos ao assunto.

Assim que as portas do elevador os encerraram lá dentro, ele puxou-a para si e mergulhou naquela boca sedosa. Estava esfomeado. Andara demasiado ocupado, demasiado concentrado no barco, demasiado envolvido na corrida para desfrutar de umas horas recreativas. Ansiava por pele macia, pele fragrante, curvas, curvas generosas. Uma mulher, qualquer mulher, desde que fosse solícita, experiente e conhecesse os limites.

Isso fazia de Martine perfeita.

Ela soltou um gemido que não era de todo simulado, arqueando em seguida o pescoço para que os dentes dele mordiscassem. — És rápido.

Ele deslizou as mãos pela seda, subindo-as de novo. — É assim que gosto de viver. Depressa. Sempre. Em todas as ocasiões.

Ainda abraçando-a, com uma reviravolta, saiu do elevador, descendo o corredor até ao quarto. O coração dela batia com força de encontro ao dele, a respiração ofegante, as mãos... bom, ele imaginava que ela sabia bem o que fazia com elas.

Lá se ia a sedução.

Destrancou a porta, abrindo-a com um empurrão, para a fechar e encurralar Martine de encontro a ela. Puxou as alças duplas sustentadas nos ombros e, com o olhar no dela, serviu-se daqueles seios magníficos.

Decidiu que o cirurgião plástico dela merecia uma medalha.

— Queres que vá mais devagar?

Sim, as mãos dele tinham uma textura rude, mas, por Deus, eram excitantes. Ela levantou uma perna quilométrica, enrolando-a à cintura dele. Teve de a apertar com força para se conseguir equilibrar. — Quero que seja agora.

— Que bom. Eu também. — Passou a mão por baixo da amostra de saia que ela usava e rasgou a renda que ocultava. Ela abriu muito os olhos, acelerando a respiração.

— Animal. Besta. — E cerrou os dentes no pescoço dele.

Ao mesmo tempo que tentava chegar-lhe à braguilha, ouviu alguém

bater à porta discretamente, atrás da sua cabeça. Cada miligrama de sangue dele havia afluído para a zona por baixo do cinto. — Cristo, o serviço de quartos não pode ser tão bom. Deixe ficar aí fora, — exigiu ele, preparando-se para possuir a magnífica Martine de encontro à porta.

— *Monsieur* Quinn, lamento incomodar. Acaba de chegar um faxe para si. Vem assinalado como urgente.

— Diz-lhe que desapareça. — Martine entrelaçara a mão à volta dele, como uma lapa. — Diz-lhe que vá para o inferno e come-me.

— Espere. Quero dizer, — continuou ele, desenlçando-lhe os dedos, antes que os seus olhares se cruzassem. — Espere só um minuto. — Mudou a posição dela atrás da porta, levando alguns segundos a certificar-se que tinha o fecho das calças apertado, e depois abriu-a.

— Lamento incomodar...

— Não há problema. Obrigado. — Cameron enfiou a mão no bolso à procura de uma nota, sem se incomodar em confirmar o valor, trocando-a pelo envelope. Antes que o empregado conseguisse balbuciar algo sobre o valor da gorjeta, Cameron já lhe fechava a porta na cara.

Martine voltou a atirar a cabeça para trás, no gesto habitual. — Está mais interessado na porcaria do faxe do que em mim. Do que nisto. — Com a mão hábil, puxou o vestido para baixo, soltando-o como uma cobra que muda de pele.

Cameron decidiu que não importava o quanto ela tinha pago por aquele corpo, o certo é que valia cada cêntimo. — Não, acredita em mim, querida, não estou nada. É só um segundo. — Abriu o envelope com um rasgão, antes de ceder à ânsia de o amassar numa bola de papel, de o atirar por cima do ombro e de mergulhar de cabeça naquela mulher gloriosa.

Depois, leu a mensagem e o seu mundo, a sua vida, o seu coração pararam.

— Oh, Jesus. Raios partam. — Todo o vinho que consumira alegremente no decorrer da noite marejava levemente na sua cabeça, dando voltas ao estômago, transformando-lhe os joelhos em água. Teve de se encostar à porta para se equilibrar, antes de voltar a ler.

*Bolas, Cam, porque é que não devolves nenhuma chamada? Há horas que tentamos entrar em contacto contigo. O pai está no hospital. É grave, pior não pode ser. Não há tempo para pormenores. Estamos a perdê-lo rapidamente. Vem depressa. Phillip.*

Cameron levantou a mão — a que segurara o volante de dezenas de barcos, aviões, carros de corrida, que podia provocar numa mulher arrepios celestiais. E essa mão tremia, ao passá-la pelo cabelo.

— Tenho de ir para casa.



— Já estás em casa. — Martine decidira dar-lhe outra hipótese e avançou para roçar o corpo no dele.

— Não, tenho de ir. — Afastou-a para o lado e dirigiu-se para o telefone. — Tens de te ir embora. Preciso de fazer uns telefonemas.

— Achas que me podes mandar embora?

— Desculpa. Fica para a próxima. — Não conseguia aquietar a mente. Num gesto inconsciente, puxou notas do bolso com uma das mãos e pegou no telefone com a outra. — Para o táxi, — disse ele, esquecendo-se que ela estava hospedada no mesmo hotel.

— Porco! — Nua e furiosa, ela atirou-se a ele. Se ele estivesse firme nas suas faculdades, haveria de ter suportado o golpe. Mas a estalada atingira-o, bem como a súbita reacção. Com os ouvidos a zumbir, a face a arder, acabou-se-lhe a paciência.

Cameron limitou-se a enroscar os braços à volta dela, revoltado por ela achar que se tratava de uma investida sexual, carregando-a até à porta. Teve tempo para pegar no vestido e depois atirou a mulher e as respectivas sedas para o corredor.

O guincho dela obrigou-o a cerrar os dentes, ao mesmo tempo que passava a tranca na porta. — Eu mato-te. Seu porco! Seu patife! Hei-de matar-te por isto. Quem é que pensas que és? Não és nada! Nada!

Deixou Martine a gritar e a esmurrar a porta e foi para a casa de banho, arrumar alguns artigos de higiene numa bolsa.

Parecia que a sorte acabava de dar uma terrível reviravolta.

Cam moveu influências, puxou cordelinhos, e atirou dinheiro em todas as direcções. Arranjar transporte do Mónaco para a Costa Leste de Maryland à uma da manhã não era tarefa fácil.

Conduziu até Nice, atravessando a auto-estrada costeira sinuosa até um pequeno aeródromo, onde um amigo concordara em levá-lo de avião para Paris — pela singela quantia de um milhar de dólares americanos. Em Paris, fretou um avião, por metade da quantia já despendida, e passou horas sobre o Atlântico num misto de fadiga e medo corrosivo.

Chegou ao aeroporto de Washington Dulles, na Virgínia, pouco depois das seis da manhã, hora de leste. A empresa de aluguer de automóveis já estava à sua espera, por isso começou logo a viagem para Chesapeake Bay, na fria penumbra que antecede o crepúsculo.

Quando chegou à ponte que atravessa a baía, o Sol já tinha nascido e brilhava, reluzindo na água, alumando os barcos que já andavam na faina às primeiras horas da manhã. Cam passara grande parte da vida a velejar pela baía, nos rios e enseadas desta parte do mundo. O homem que se apressava a ir ver ensinara-lhe muito mais do que apenas a diferença entre bombordo e estibordo.

Tudo o que tinha, tudo o que fizera de que se podia orgulhar, devia-o a Raymond Quinn.

Tinha treze anos e corria na direcção do abismo, quando Ray e Stella Quinn o haviam arrancado das malhas do sistema. O seu registo criminal juvenil já era um caso de estudo acerca das raízes do criminoso profissional.

Roubo, assalto a domicílio, consumo ilegal de álcool, absentismo escolar, agressão, vandalismo, conduta imprópria. Fazia o que queria e, mesmo nessa altura, já beneficiara de grandes períodos de sorte, em que não era apanhado. Mas o seu momento de maior sorte foi um dia ter sido apanhado.

Tinha treze anos, estava magro como uma estaca e ostentava as nódoas negras da última sova que o pai lhe dera. A cerveja tinha acabado. O que é que um pai havia de fazer?

Nessa noite quente de Verão, com o sangue ainda a secar no rosto, Cam prometera que nunca mais voltava para aquela maldita *roulotte*, para

aquela vida, para o homem para onde o sistema passava a vida a atirá-lo. Ia para algum lado, qualquer lado. Talvez para a Califórnia, ou para o México.

Os seus sonhos eram grandes, mesmo se a sua visão, cortesia de um olho negro, estivesse toldada. Tinha cinquenta e seis dólares e uns trocos, a roupa que trazia no corpo e uma atitude combativa. O que precisava, decidira, era de transporte.

Apanhou boleia no vagão de um comboio de carga que saía de Baltimore. Não sabia para onde ia, nem queria saber, desde que fosse para longe. Aninhado no escuro, o seu corpo chorando a cada sacudidela, prometera a si mesmo que preferia matar ou morrer, a ter de voltar para casa.

Quando se esgueirou para fora do comboio, cheirava a água e peixe, rogou a Deus para conseguir encontrar comida algures. O seu estômago era um buraco vazio. Tonto e desorientado, começou a caminhar.

Não havia ali muita coisa. Uma cidadezinha pequena, que havia arrumado as ruas para a noite. Barcos batiam nas docas deprimentes. Se conseguisse pensar com clareza, talvez tivesse ponderado a hipótese de assaltar uma das lojas que percorriam a linha de água, mas tal só lhe ocorreu depois de ter atravessado a cidade, dando por si a contornar um pântano.

As sombras e os sons do pântano deram-lhe arrepios. O Sol começava a aparecer a leste no céu, lançando uma tonalidade dourada àqueles terrenos lamacentos e à erva alta e molhada. Um enorme pássaro branco levantou-se, fazendo sobressaltar o coração de Cam. Nunca tinha visto uma garça-real, e pensou que mais parecia algo saído de um livro, daqueles fantásticos.

Mas as asas bateram, e o pássaro levantou voo. Por razões que não conseguia explicar, seguiu-o pelas margens do pântano até desaparecer no meio de árvores possantes.

Não conseguia perceber distâncias nem direcções, mas o instinto dizia-lhe para seguir por uma estreita estrada de campo, onde facilmente se podia esconder debaixo da erva alta ou atrás de uma árvore, caso passasse um carro da polícia.

Ele queria muito encontrar um abrigo, um sítio onde se pudesse aninhar e dormir, esquecer os estertores da fome e as náuseas violentas. À medida que o Sol se elevava, o ar começava a ficar mais pesado, devido ao calor. A camisa colava-se-lhe às costas; os pés começavam a ceder.

Viu primeiro o carro, um *Vette* de um branco lustroso, transbordando potência e graciosidade, estacionado como um grande prémio na luz nebulosa do crepúsculo. A seu lado, estava uma carrinha *pick-up*, enferrujada, carcomida e ridiculamente rural, junto à sofisticação arrogante do carro.

Cam acorrou-se atrás de uma bela hortênsia em flor, a estudá-lo. A desejá-lo.

O filho da mãe haveria de o levar ao México, sem sombra de dúvidas, e onde mais quisesse ir. Merda, uma máquina daquelas ia andar nas horas, de tal forma que ele estaria longe dali antes que alguém percebesse que tinha desaparecido.

Mudou de posição, pestanejando com força para limpar a visão entorpecida, fitando a casa. Ficava sempre espantado ao constatar que as pessoas viviam tão bem. Em casinhas aprumadas, com persianas pintadas, flores e sebes aparadas no quintal. Balouços no alpendre, cortinas nas janelas. A casa parecia-lhe enorme, um palácio branco moderno com uma estrutura azul suave.

Deviam ser ricos, decidira, ao sentir que o ressentimento lhe crescia no estômago, aliado da fome. Podiam comprar casas bonitas e carros bonitos e vidas bonitas. E uma parte dele, a parte criada por um homem que se alimentava de ódio e Budweiser, queria destruir, espatifar todas aquelas sebes, partir as janelas luzidias e desfazer a linda madeira pintada em farpas.

De alguma forma, queria magoá-los por terem tudo, enquanto ele não tinha nada. Mas ao levantar-se, a fúria amarga transformou-se numa vertigem de enjoos. Tentou agarrar-se, cerrando os dentes até que, também eles, lhe começaram a doer, mas sentiu a cabeça mais leve.

Os ricos da treta bem podiam dormir, pensou. Só ia aliviá-los do jeitoso do carro. Nem sequer estava trancado, reparou e riu-se da ingenuidade deles, ao abrir a porta. Uma das manhas mais úteis que o pai lhe havia ensinado era como fazer ligação directa num carro, rápida e silenciosamente. Uma manha dessas vinha mesmo a calhar, quando um homem ganhava a vida a vender carros roubados a sucateiras.

Matreiro, Cam entrou, deslizando para baixo do volante, para pôr mãos ao trabalho.

— É preciso coragem, para roubar o carro de alguém mesmo à sua porta.

Antes que Cam conseguisse reagir, nem mesmo praguejar, uma mão pegou-lhe pelo fundo das calças de ganga e içou-o para fora do carro. Aos trambolhões, com o punho fechado começou a esmurrar o ar.

Viu pela primeira vez o Poderoso Quinn. O homem era enorme, com quase dois metros de altura e uma constituição que lembrava a linha ofensiva da Cavalaria de Baltimore. O seu rosto apresentava-se fustigado pelos elementos e era largo, com um golpe espesso de cabelo louro que revelava melenas prateadas em seu redor. Os olhos eram de um azul cortante e pareciam irritados.

Depois, ficaram franzidos.

Não foi preciso muito para dominar o rapaz. Não pesava sequer quarenta e cinco quilos, pensava Quinn, como se tivesse pescado o miúdo na baía. Tinha o rosto imundo e muito maltratado. De tão inchado, um olho quase não se percebia, enquanto o outro, de um cinzento ardósia, ostentava a amargura que nenhuma criança devia sentir. Tinha sangue ressequido na boca, que, apesar disso, conseguia esboçar um esgar.

Dentro dele debatiam-se a piedade e a raiva, mas manteve o pulso bem firme. Aquele coelho, sabia, era bem capaz de fugir.

— Parece que te saiu o tiro pela culatra, meu filho.

— Tira a merda das mãos de cima de mim. Não estava a fazer nada de mal.

Ray mal franziu o sobrolho. — Estavas no carro novo da minha mulher, às sete e meia da manhã de um domingo.

— Só andava à procura de uns trocos. Que mal é que uma merda dessas faz?

— Talvez não seja boa ideia habituares-te a usar a palavra «merda» como adjectivo. És capaz de perder a imensa variedade da sua aplicação.

O tom, que puxava para o paternalismo, deu a volta à cabeça de Cam. — Olha lá, Joãozinho, só queria arranjar um dinheirito em trocos. Nem sequer te ia fazer falta.

— Não, mas a Stella era bem capaz de sentir falta do carro, se tivesses conseguido fazer a ligação directa. E não me chamo Joãozinho. Chamo-me Ray. Agora, a mim parece-me que tens duas opções. Começemos pela primeira: carrego o teu traseiro arrependido até casa e chamo a polícia. O que é que achas de passares os próximos anos numa casa de correcção para espertalhões?

As tonalidades que coloriam a face de Cam desvaneceram-se de vez. O seu estômago vazio contorceu-se, as palmas das mãos começaram a suar subitamente. Não conseguia suportar uma gaiola. — Já disse que não ia roubar a porcaria do carro. É de mudanças manuais. Como raio é que ia conseguir guiar um carro assim?

— Oh, tenho a sensação que não ias ter qualquer problema. — Ray encheu as bochechas de ar, pensativo, para depois o expelir. — Mas a segunda opção...

— Ray! O que é que estás a fazer ao miúdo?

Ray olhou de soslaio para o alpendre, onde estava uma mulher de cabelo ruivo selvagem e roupão azul maltrapilho, as mãos apoiadas nas ancas.

— Só estamos a discutir algumas opções de vida. Ele ia roubar o teu carro.

— Então, por amor de Deus!

— Alguém lhe deu uma tarefa. Diria que é coisa recente.

— Bom. — Ouviu-se com clareza o suspiro de Stella Quinn, do outro lado do relvado coberto de orvalho. — Trá-lo para dentro, que eu dou-lhe uma olhadela. Que raio de maneira de começar o dia. Que raio. Não, tu volta lá para dentro, cão idiota. Saíste-me uma bela prenda, nem sequer ladras quando me estão a assaltar o carro.

— A minha mulher, Stella. — O sorriso de Ray alargou-se e cintilou. — Ela acaba de te dar a opção número dois. Tens fome?

A voz ecoava na cabeça de Cam. Um cão emitia latidos agudos e encantados, a quilómetros de distância. Pássaros cantavam alegres e demasiado perto dele. A sua pele começou a ficar brutalmente quente, depois brutalmente fria. E começou a cegar.

— Aguenta-te, filho. Já te agarrei.

Caiu na escuridão tenebrosa e não chegou a ouvir a promessa sussurada de Ray.

Quando acordou, estava deitado num colchão firme, num quarto onde a brisa agitava as cortinas oblíquas e levava um aroma a flores e água. Sentiu-se invadir pelo pânico e pela humilhação. Até quando tentou sentar-se, sentiu que mãos o empurravam para baixo.

— Deixa-te estar deitado um minuto.

Viu o rosto longo e fino da mulher que se debruçava sobre ele, afagando, aconchegando. Podia ver milhares de sardas douradas, que por alguma razão achava fascinantes. Tinha os olhos verde-escuros e franzidos. A boca apresentava-se numa linha fina e séria. Apanhara o cabelo para trás, e cheirava subtilmente a pó-de-arroz.

Cam apercebeu-se abruptamente que o haviam despido e que só tinha os *boxers* esfarrapados. A humilhação e o pânico explodiram.

— Desapareçam-me da frente. — A sua voz saiu num esgar de terror, enfurecido.

— Acalma-te. Vê se descontrais. Sou médica. Olha para mim. — Stella debruçou-se mais sobre o rosto dele. — Olha para mim agora. Diz-me como te chamas.

O seu coração ribombava no peito. — João.

— Ninguém, imagino, — retorquiu ela secamente. — Bom, já que tens presença de espírito para mentir, é porque não estás assim tão mal. — Acendeu uma luz nos olhos dele, grunhindo. — Diria que tens uma leve concussão. Quantas vezes é que desmaiaste, desde que te bateram?

— Esta foi a primeira. — Sentiu-se corar, dominado pelo olhar fixo que ela lhe lançava, lutando por não se contorcer. — Acho eu. Não tenho a certeza. Tenho de ir.

— Sim, pois tens. Para o hospital.

— Não. — O terror conferiu-lhe a força para agarrar no braço dela, antes que ela se conseguisse endireitar. Se acabasse no hospital, claro que lhe iam fazer perguntas. Com as perguntas, vinha a polícia. Com a polícia, vinham as assistentes sociais. E, de alguma forma, antes que desse por isso, estava de regresso à *roulotte* que tresandava a cerveja rançosa e a urina, com um homem que gostava de descarregar as frustrações num rapaz com metade do tamanho dele.

— Não vou para hospital nenhum. Não vou. Quero a minha roupa. Tenho algum dinheiro. Pago-lhes o incómodo que tiveram. Tenho de ir embora.

Ela voltou a suspirar. — Diz-me o teu nome. O verdadeiro.

— Cam. Cameron.

— Cam, quem é que te fez isto?

— Não...

— Não me mintas, — explodiu ela.

Ele não podia. Sentia um medo demasiado avassalador, e sentia a cabeça a começar a latejar com tanta ferocidade que mal conseguiu impedir o gemido. — O meu pai.

— Porquê?

— Porque gosta de o fazer.

Stella pressionou os dedos de encontro aos olhos, para depois baixar as mãos e olhar pela janela. Conseguia ver a água, azul cor de Verão, as árvores, fartas, cheias de folhas, e o céu, limpo e adorável. E num mundo tão bom, pensava, existiam pais que batiam nos filhos, porque gostavam de o fazer. Porque podiam. Porque existiam.

— Está bem, vamos dar um passo de cada vez. Sentiste tonturas, tiveste a visão toldada. — Cauteloso, Cam acenou. — Um pouco. Mas há algum tempo que não como.

— O Ray foi lá abaixo tratar disso. Tem mais jeito do que eu para a cozinha. Tens as costelas magoadas, mas nenhuma está partida. O pior são os olhos, — murmurou ela, passando um dedo meigo pelo inchaço. — Podemos tratar disso aqui. Lavamos-te e tratamos de ti, para vermos como recuperas. Sou médica, — voltou a dizer-lhe, sorrindo ao mesmo tempo que a mão, imensamente fresca, lhe aflagava o cabelo negro. — Pediatra.

— Isso é um médico de crianças.

— Ainda preenches os requisitos, fortalhaço. Se não me agradar a tua recuperação, vamos tirar umas radiografias. — Procurou um anti-séptico na mala. — Isto vai arder um pouco.

Ele encolheu os ombros, sugando o ar assim que ela lhe começou a tratar da cara. — Porque é que está a fazer isto?

Era mais forte do que ela. Com a mão livre, afastou uma madeixa despenteada do cabelo negro dele. — Porque gosto.

Ficaram com ele. Fora tão simples quanto isso, pensava Cam agora. Ou assim parecera naquela altura. Só passados muitos anos é que ele percebeu o trabalho, esforço e dinheiro que haviam investido primeiro em acolhê-lo e, depois, a adoptá-lo. Haviam-lhe dado a sua casa, o seu nome e tudo o que valia a pena na vida.

Haviam perdido Stella há quase oito anos para o cancro, que se lançara ao seu corpo, devorando-o sem piedade. Alguma da luz desvanecera-se daquela casa na periferia da pequena cidade costeira de São Cristóvão e, da mesma forma, de Ray, de Cam e dos outros dois rapazes perdidos que haviam perfilhado.

Cam partira para as corridas — de qualquer coisa, em qualquer lugar. Agora, corria para casa, para o único homem que algum dia considerou seu pai.

Já estivera naquele hospital inúmeras vezes. Quando a mãe dele lá trabalhara e, depois, quando lá estivera a fazer o tratamento para o mal que a matara.

Entrava agora, abatido e em pânico, e perguntou na recepção por Raymond Quinn.

— Está nos cuidados intensivos. Reservado a familiares.

— Sou filho dele — Cameron virou costas e dirigiu-se para o elevador. Não precisou que lhe dissessem qual era o andar. Sabia bem de mais.

Viu Phillip assim que as portas se abriram na UCI. — É muito grave?

Phillip deu-lhe um dos dois copos de café que segurava. Tinha o rosto pálido da fadiga, o cabelo fulvo normalmente aprumado revolto pelas suas mãos. O seu rosto longo e algo angélico estava endurecido pela barba por fazer, os olhos, de um castanho dourado pálido, ensombrados pela exaustão.

— Não tinha a certeza se ias chegar a tempo. É grave, Cam. Cristo, tenho de me sentar um bocado.

Entrou na pequena sala de espera e deixou-se cair numa cadeira. OuvIU o barulho da lata de Coca-Cola que ele trazia no bolso do fato, feito à medida. Por momentos, ficou a fitar o programa da manhã que decorria alegremente no ecrã do televisor.

— O que aconteceu? — Indagou Cam. — Onde é que ele está? O que é que os médicos dizem?

— Vinha de Baltimore a caminho de casa. Pelo menos, o Ethan acha que ele tinha ido a Baltimore. Tratar de alguma coisa. Bateu num poste da



companhia dos telefones. Em cheio. — Levou a palma da mão ao peito, por lhe doer sempre que imaginava a cena. — Dizem que talvez tenha sofrido um ataque cardíaco ou uma trombose que o levou a perder o controlo, mas ainda não têm a certeza. Ia a conduzir depressa. Depressa de mais.

Teve de fechar os olhos, por sentir que o estômago insistia em querer saltar-lhe pela boca. — Depressa de mais, — repetiu. — Levaram quase uma hora a desencarcerá-lo dos destroços. Quase uma hora. Os paramédicos disseram que estava sempre a perder a consciência. Foi apenas a alguns quilómetros daqui.

Lembrou-se da Coca-Cola que tinha no bolso, abriu a lata e bebeu. Continuou a tentar bloquear a imagem que tinha na cabeça, para se concentrar no presente, assim como no que aconteceu a seguir. — Contactaram o Ethan com grande rapidez, — prosseguiu Phillip. — Quando ele aqui chegou, o pai já estava na cirurgia. Agora está em coma. — Ergueu o olhar, encontrando os olhos do irmão. — Não esperam que recupere dele.

— Isso são tretas. Ele é forte como um touro.

— Eles disseram... — Phillip voltou a fechar os olhos. Sentia a cabeça vazia, e tinha de procurar todos os seus pensamentos. — Traumatismo grave. Danos cerebrais. Ferimentos internos. Está com respiração assistida. O cirurgião... ele... o pai é doador de órgãos registado.

— Merda para isso. — A voz de Cam ouvia-se baixa e furiosa.

— Achas que quero pensar nisso? — Phillip levantava-se agora, um homem alto e robusto, num fato de mil dólares amarrotado. — Disseram que é, no máximo, uma questão de horas. As máquinas é que o mantêm a respirar. Raios partam, Cam, sabes que a mãe e o pai falaram sobre isto, quando ela adoeceu. Nada de medidas extremas. Eles fizeram testamentos em vida, e agora vamos ignorar o dele só porque... porque não temos coragem para o cumprir.

— Queres desligar a máquina? — Cam esticou os braços, agarrando Phillip pela lapela do casaco. — Queres desligar-lhe a maldita máquina?

Exausto e de coração partido, Phillip abanou a cabeça. — Preferia cortar uma mão. Quero tanto perdê-lo como tu. É melhor veres com os teus próprios olhos.

Virou-se, guiando-o pelo corredor abaixo, onde o cheiro a desespero não era disfarçado pelos anti-sépticos. Passaram as portas duplas, pelo posto da enfermaria, por pequenos quartos envidraçados, onde máquinas apitavam e a esperança se sustinha em teimosia.

Ethan estava sentado numa cadeira junto à cama quando eles entraram. A sua mão enorme e cheia de calosidades atravessara o resguardo e cobria a de Ray. O seu corpo alto e seco estava debruçado, como se estivesse a falar com o homem inconsciente deitado na cama, a seu lado. Levantou-se

devagar e, com os olhos doridos da privação de sono, estudou Cam.

— Então, decidiste honrar-nos com a tua presença. Com pompa e circunstância.

— Vim assim que pude. — Não queria admiti-lo, não queria acreditar. O homem, aquele homem velho, aterrorantemente frágil, deitado na cama estreita, era o seu pai. Ray Quinn era enorme, forte e invencível. Mas o homem com o rosto do seu pai mirrara, pálido e inerte como a morte.

— Pai. — Chegou-se à beira da cama, debruçando-se mais de perto. — Sou o Cam. Estou aqui. — Esperou, quase certo que bastaria aquilo para que os olhos do pai se abrissem, pestanejando astutamente.

Mas não registou qualquer movimento, nem som algum, excepto o apitar monótono das máquinas.

— Quero falar com o médico dele.

— Garcia. — Ethan esfregou as mãos pelo rosto, passando-as pelo cabelo queimado pelo Sol. — O neurocirurgião que a mãe costumava chamar Mãozinhas. A enfermeira manda-lhe uma mensagem para o *pager*.

Cam endireitou-se e, pela primeira vez, reparou no rapaz aninhado a dormir numa cadeira ao canto. — Quem é o miúdo?

— O último dos rapazes perdidos de Ray Quinn. — Ethan esboçou um sorriso vago. Normalmente, teria suavizado a sua expressão séria, aquecendo-lhe os olhos azuis. — Ele falou-te dele. Seth. O pai acolheu-o há cerca de três meses. — Ia dizer mais, mas viu o olhar de sobreaviso de Phillip e encolheu os ombros. — Falamos disso depois.

Phillip permaneceu aos pés da cama, balouçando-se para trás e para a frente, apoiado nos calcanhares. — Como correu em Monte Carlo? — Perante o olhar vazio de Cam, encolheu os ombros. Era um gesto que os três usavam quando lhes faltavam as palavras. — A enfermeira disse que devíamos conversar com ele, entre nós. Que talvez ele possa... Não têm a certeza.

— Correu bem. — Cam sentou-se e imitou Ethan, ao pegar na mão de Ray, através do resguardo da cama. Como tinha a mão mole e inerte, segurou-a com meiguice e desejou que conseguisse apertar a dele. — Ganhei uma fortuna nos casinos e estava na suite com uma modelo francesa de arrasar, quando recebi o teu faxe. — Mudou de posição, falando directamente para Ray. — Havia de a ter visto. Era incrível. Com pernas até às orelhas, seios lindos, feitos à medida.

— Tinha cara? — Perguntou Ethan, secamente.

— Das que ficam a matar com o corpo. Deixa-me que te diga, era de arrasar. E quando disse que tinha de me ir embora, tornou-se numa cabra. — Apalpou no rosto os arranhões recentes. — Tive de a expulsar

para fora do quarto, para o corredor, antes que me fizesse em bocados. Mas depois de a atirar a ela, lembrei-me de lhe atirar o vestido.

— Estava nua? — Indagou Phillip.

— Em pélo.

Phillip sorriu, para depois soltar a primeira gargalhada em quase vinte e quatro horas. — Céus, está bem entregue. — Pousou a mão sobre o pé de Ray, apreciando a ligação. — Ele vai adorar essa história.

Ao canto, Seth fingia estar a dormir. Ray falara bastante sobre Cameron. Tinha dois blocos de notas grossos, a rebentar pelas costuras de recortes, artigos e fotografias das suas corridas e proezas.

Agora não parecia tão duro e importante, decidiu Seth. O tipo parecia doente e pálido, com os olhos encovados. Já se decidira quanto à ideia que tinha acerca de Cameron Quinn.

Gostava bastante de Ethan. Apesar de o fazer trabalhar até cair para o lado, quando ia com ele apanhar ostras e amêijoas. Não passava o tempo a resmungar, e nunca lhe batera, nem sequer uma estalada, nem mesmo quando Seth cometia algum erro. E correspondia bem à ideia que Seth, nos seus dez anos, tinha de um marinheiro.

Cabelo emaranhado, queimado do Sol e espesso caía em caracóis com madeixas louras, cobrindo-lhe os músculos castanhos e rijos, salpicados de sal. Sim, Seth gostava bastante dele.

Era indiferente a Phillip. Normalmente, andava sempre todo engomado e polido. Seth imaginava que o tipo devia ter seis milhões de gravatas, apesar de não conseguir perceber porque é que um homem haveria de querer ter uma que fosse. Phillip tinha uma espécie de trabalho chique, num escritório chique em Baltimore. Publicidade. Inventava ideias geniais para vender coisas às pessoas que, provavelmente, nem sequer precisavam delas.

Seth imaginava que era uma forma bastante porreira de trapacear alguém.

Agora, Cam. Era ele quem corria atrás dos flashes, que vivia no limite e corria riscos. Não, não parecia assim tão duro, não parecia ser tão implacável quanto isso.

Em seguida, Cam virou a cabeça, os olhos fixos nos de Seth. Imóveis, sem pestanejar e directos, até Seth sentir o estômago a estremecer. Como manobra de evasão, limitou-se a fechar os olhos e imaginou que estava de regresso a casa, à beira da água, a atirar pauzinhos ao cachorro desajeitado chamado Tolinho.

Sabendo que o rapaz estava acordado e ciente do olhar que lhe lançava, Cam continuou a estudá-lo. Era um miúdo bem-parecido, de-

cidiu, com um molho de cabelo arenoso e um corpo que começava a ficar desengonçado. Se se levantasse, tinha a certeza que era bastante alto, mesmo antes de se ter esticado completamente. Tinha um queixo «não me chateiem», observava Cam, e a boca amuada. Fingindo que dormia, conseguia passar uma imagem indefesa e quase tão amorosa como um cachorrinho.

Mas os olhos... Cam reconhecia-lhes uma intensidade, uma consciência animal. Já a vira com alguma frequência ao espelho. Não fora capaz de distinguir a cor, mas eram escuros. Azuis ou castanhos, imaginava ele.

— Não devíamos deixar o puto noutro lado qualquer?

Ethan olhou de soslaio. — Está bem aqui. Ninguém o vai deixar ao deus-dará. Sozinho só vai andar à procura de sarilhos.

Cam encolheu os ombros, desviando o olhar, esquecendo-se dele. — Quero falar com o Garcia. Têm de mostrar os resultados dos exames, ou coisa assim. Ele conduz como um profissional, por isso, se teve um ataque cardíaco ou uma trombose... — A sua voz perdeu-se, era demasiado para conseguir pronunciar-lo. — Temos de saber. Ficar aqui à espera não ajuda em nada.

— Se queres fazer alguma coisa, — disse Ethan, a voz meiga com sinais de irritação reprimida, — vai lá e faz. Estar aqui também conta. — Fitou o irmão, do outro lado do contorno do corpo inconsciente de Ray. — Foi sempre isso que contou.

— Alguns de nós não quiseram apanhar ostras, nem passar a vida a acartar baldes de caranguejos, — ripostou Cam. — Deram-nos uma vida, na esperança que fizéssemos dela o que quiséssemos.

— Tu fizeste o que querias.

— Todos fizemos, — acrescentou Phillip. — Se havia algo de errado com o pai nos últimos meses, Ethan, devias ter-nos contado.

— Como raio é que eu podia saber? — Mas ele soubera de algo, apesar de não conseguir ainda identificar o quê. E acabara por deixar andar. Isso roía-lhe a consciência agora, enquanto ouvia as máquinas que mantinham o pai a respirar.

— Porque estavas aqui, — disse-lhe Cam.

— Sim, estava cá. E vocês não... há alguns anos.

— E se eu tivesse ficado em S. Cris ele não tinha ido contra o poste telefónico? Cristo. — Cam arrastou as mãos pelo cabelo. — Isso faz cá um sentido.

— Se estivesses por perto. Se um de vocês estivesse, talvez ele não quisesse fazer tantas coisas sozinho. Sempre que eu virava costas, lá estava ele em cima de um escadote, ou a empurrar um carrinho de mão, ou a pintar o barco. E ainda dava aulas três vezes por semana na faculdade, explicações

e ajudava em trabalhos de final de curso. Tem quase setenta anos, por amor de Deus.

— Só tem sessenta e sete. — Phillip sentiu um arrepio duro, gelado a trepar por si acima. — E sempre foi saudável como um bando de cavalos.

— Ultimamente, não. Tem vindo a perder peso e parece cansado e desgastado. Viste com os teus próprios olhos.

— Está bem, está bem. — Phillip esfregou as mãos pelo rosto, sentindo a aspereza da barba feita na véspera. — Por isso, talvez devesse ter ido com mais calma. Tomar conta do miúdo talvez tenha sido de mais, mas não havia maneira de o dissuadirmos da ideia.

— Sempre a discutir.

A voz, fraca e pouco clara, obrigou os três homens a dar um salto.

— Pai. — Ethan inclinou-se primeiro para a frente, o coração aos pulos no peito.

— Vou chamar o médico.

— Não. Fica, — murmurou Ray, antes que Phillip conseguisse sair porta fora. Fora um esforço hediondo, aquele retorno, nem que fosse por instantes. E Ray compreendia que só tinha alguns momentos. O seu corpo e espírito pareciam já entidades distintas, apesar de conseguir sentir que as suas mãos eram apertadas por outras, de ouvir o som das vozes dos filhos, e o medo e a raiva que transmitiam.

Estava cansado. Oh, Deus, como estava cansado. E queria Stella. Mas antes de partir, tinha ainda uma última obrigação.

— Ouçam. — Cada pálpebra parecia pesar uma tonelada, mas obrigou-se a abrir os olhos, tentando focar a visão. Os seus filhos, pensava, três dádivas maravilhosas do destino. Fizera o melhor que soubera por eles, tentando mostrar-lhes como se tornarem homens. Agora, precisava deles por causa de mais um. Precisava que se mantivessem unidos sem ele, e que cuidassem daquela criança.

— O rapaz. — Até as palavras lhe pesavam. Acabou por vacilar, obrigando-as a fazer o percurso da mente para os lábios. — O rapaz é meu. Agora é vosso. Acolham o rapaz, aconteça o que acontecer, tratem dele. Cam. Vais compreendê-lo melhor. — A mão enorme, outrora tão forte e vital, tentava desesperadamente fazer força. — Dá-me a tua palavra.

— Tomaremos conta dele. — Naquele momento, Cam seria capaz de prometer o resgate da Lua e das estrelas. — Cuidaremos dele até ficares bom outra vez.

— Ethan. — Ray inspirou novamente com força, estremecendo o ventilador. — Tens de ter muita paciência, empenhar o teu coração. Por causa disso és um bom marinheiro.

— Não te preocupes com o Seth. Nós cuidamos dele.

— Phillip.

— Estou aqui. — Aproximou-se, debruçando-se. — Estamos todos aqui.

— És muito inteligente. Vais descobrir uma forma de pôr tudo a funcionar. Não deixes que o miúdo se vá embora. Vocês são irmãos. Lembrem-se que são irmãos. Tenho muito orgulho de vocês. De todos. Quinns. — Sorriu um pouco, desistindo de lutar. — Agora vão ter de me deixar ir.

— Vou chamar o médico. — Em pânico, Phillip correu para fora do quarto, enquanto Cam e Ethan tentavam fazer com que o pai recuperasse a consciência.

Ninguém reparou no rapaz, que permanecia aninhado na cadeira, os olhos franzidos e fechados com força, para conter o calor das lágrimas.

Vieram sozinhos e em multidões ao velório e ao funeral de Ray Quinn. Ele havia sido mais do que um mero residente daquele pontinho no mapa que era S. Cristóvão. Fora professor, amigo e confidente. Nos anos em que a apátnha da ostra começou a entrar em declínio, ele ajudou a organizar eventos de angariação de fundos ou, então, arranjou dezenas de trabalhos bizarros para fazer, entretendo os homens do mar durante o Inverno rigoroso.

Se encontrava um estudante em dificuldades, Ray descobria uma forma de arranjar uma hora extra para uma sessão de explicações. As suas aulas de literatura na universidade estiveram sempre cheias, e era raro alguém esquecer o Professor Quinn.

Acreditara na comunidade e essa crença fora ao mesmo tempo forte e complacente. Realizara feitos de uma imensa humanidade. Tocara muitas vidas.

E criara três rapazes, que ninguém queria, fazendo deles homens.

Deixaram a sua sepultura soterrada por flores e lágrimas. Por isso, quando começaram os sussurros e as perguntas, foi com alguma rapidez que se dissiparam. Poucos estavam dispostos a ouvir mexericos que dessem má imagem de Ray Quinn. Ou, pelo menos, era o que diziam, até mesmo quando as lágrimas se contorciam para cessar esses murmúrios.

Escândalos sexuais, adultério, filho ilegítimo. Suicídio.

Ridículo. Impossível. Dizia a maioria, com sinceridade. Mas outros inclinavam-se para mais perto para não perderem pitada, unindo as so-brancelhas e passando o rumor de boca a ouvido.

Cam não ouvia sussurros nenhuns. A dor que sentia era tão imensa, tão monstruosa, que mal conseguia escutar os seus próprios pensamentos negros. Quando a mãe havia morrido, arranjava forma de lidar com isso. Preparara-se para o que ia acontecer, assistira ao seu sofrimento e rezara para que ele chegasse ao fim. Mas esta perda fora demasiado repentina, demasiado arbitrária, e não havia um cancro que pudesse culpar.

Estava gente a mais em casa, pessoas que queriam dar os seus pês-sames ou partilhar memórias. Ele não queria as memórias delas, não as conseguia enfrentar até conseguir encarar as suas.

Estava sentado sozinho no embarcadouro, que ajudara Ray a reparar dezenas de vezes ao longo dos anos. A seu lado, estava o belo veleiro de sete metros em que todos haviam navegado inúmeras vezes. Cam lembrava-se

do equipamento que Ray comprara nesse primeiro Verão — um pequeno *Sunfish*, um bote salva-vidas de alumínio, que parecia a Cam tão grande quanto uma rolha.

E Ray fora tão paciente, ao ensiná-lo a velejar, a passar o cordame, a enlaçá-lo. A emoção, pensava Cam agora, da primeira vez que Ray o deixara pegar no leme.

Fora uma experiência de alterar toda uma vida, para um rapaz que tinha crescido na dureza das ruas — o ar salgado no rosto, o vento a bater nos panos brancos, a velocidade e a liberdade de deslizar sobre as águas. Mas, acima de tudo, fora pela confiança. *Toma*, dissera Ray, *vê o que consegues fazer com ele*.

Talvez tivesse sido esse momento único, naquela tarde nebulosa em que as folhas estavam tão fartas e verdes e o Sol já só era uma bola branca e quente atrás da bruma, que havia transformado o rapaz no homem que era agora.

E Ray fizera-o com um sorriso no rosto.

Ouviu os passos no embarcadouro, mas não se virou. Continuou a olhar ao longo da água, ao mesmo tempo que Phillip chegava perto dele.

— Já se foram quase todos embora.

— Ótimo.

Phillip enfiou as mãos nos bolsos. — Vieram por causa do pai. Ele haveria de ter gostado.

— Pois. — Cansado, Cam pressionou os dedos nos olhos, soltando-os em seguida. — Pois sim. Fiquei sem nada para dizer e não sabia como o fazer.

— Pois. — Apesar de ganhar a vida com palavras engenhosas, Phillip percebia perfeitamente. Por instantes, apreciou o silêncio. A brisa ao largo trazia algo de mordaz, e era um alívio depois de estar na casa apinhada, sobraquecida pelos corpos. — A Grace está a fazer limpezas na cozinha. O Seth ficou a ajudá-la. Acho que tem um fraquinho por ela.

— Ela é gira. — Cam lutava por mudar o pensamento para outra pessoa. Para outra coisa qualquer. — É difícil imaginá-la com um filho. Divorciou-se, não foi?

— Há um ou dois anos. Ele foi-se embora pouco antes da pequena Aubrey nascer. — Phillip soltou um longo suspiro por entre os dentes. — Temos alguns assuntos a tratar, Cam.

Cam reconheceu o tom, e o tom significava que estava na hora de irem directos ao assunto. De imediato, sentiu uma indignação borbulhar dentro de si. — Estava a pensar em ir dar uma volta de barco. Hoje o vento está de feição.

— Podes velejar mais tarde.



Cam virou a cabeça, o rosto insípido. — Posso velejar agora.

— Corre o boato que o pai cometeu suicídio.

O rosto de Cam ficou inexpressivo, para depois se encher de vermelho, cor de raiva. — Mas que merda vem a ser essa? — Indagou, saltando para se pôr de pé.

Pronto, pensou Phillip com uma satisfação sombria, já ganhara a atenção dele. — Tem havido especulação e dizem que ele quis ir contra o poste.

— Não passa de uma cambada de tretas. Quem é que anda a dizer isso?

— Dizem por aí... e já está a ganhar raízes. Tem a ver com o Seth.

— O que é que tem a ver com o Seth? — Cam começou a andar de um lado para o outro, com passos longos e furiosos, subindo e descendo o estreito embarcadouro. — O quê, acham que ele ficou doido por ter acolhido o miúdo? Raios, já era doido quando decidiu tomar conta de nós, mas o que é que isso tem a ver com o acidente?

— Corre o boato que Seth é filho dele. Legítimo.

Aquilo fez Cam estacar as passadas. — A mãe não podia ter filhos.

— Eu sei disso.

A fúria latejava-lhe no peito, um martelo sobre a bigorna. — Estás a dizer que ele a traiu? Que deu umas voltas com outra mulher e teve um filho? Jesus Cristo, Phil.

— Eu não digo nada.

Cam aproximou-se, até ficarem cara a cara. — Que raio é que estás a dizer?

— Só estou a contar o que ouvi, — disse Phillip neutro, — para que possamos tratar do assunto.

— Se tivesses tomates, tinhas apertado com a pessoa que disse isso, fazendo-a engolir as palavras.

— Como estás a tentar apertar comigo. É assim que tratas do assunto? Batendo-lhe até desaparecer? — Com o seu próprio temperamento a ferver, Phillip empurrou Cam um centímetro. — Ele também era meu pai, raios partam. Foste o primeiro, mas não foste o único.

— Então, porque é que não o defendeste, em vez de teres ficado a ouvir essas porcarias? Tiveste medo de sujar as mãos? De estragar a manicura? Se não fosses tão mariquinhas, terias...

O punho de Phillip saiu disparado, apanhando Cam bem em cheio no maxilar. Naquele murro havia força suficiente para atirar a cabeça de Cam para trás, fazendo-o recuar cerca de meio metro. Mas recuperou o equilíbrio bem depressa. De olhos sombrios e ansiosos, acenou. — Então, anda, vamos lá.

Com o sangue a ferver na cabeça, Phillip começou a despir o casaco. O ataque foi célere, silencioso e por trás. Mal teve tempo de praguejar, e já voava pelo embarcadouro para dentro de água.

Phillip emergiu, cuspindo, tirando o cabelo molhado dos olhos. — Filho da puta. Seu filho da puta.

Ethan trazia agora os polegares enfiados nos bolsos da frente, e estudava o irmão, ao mesmo tempo que Phillip calcava água. — Vê se arrefeces, — sugeriu, brando.

— Este fato é Hugo Boss, — Phillip conseguiu dizer, enquanto cambaleava na direcção do embarcadouro.

— Não me importo nada com essa merda. — Ethan olhou de soslaio para Cam. — E tu, importas-te?

— Significa que vai ter uma conta dos diabos na lavandaria.

— Tu também, — disse Ethan, empurrando Cam do embarcadouro abaixo. — Não é a hora nem o lugar para nos andarmos a espancar uns aos outros. Por isso, quando vocês dois alçarem os rabos e os puserem a secar, podemos falar sobre isto. Pedi ao Seth que ficasse um bocado com a Grace.

De olhos franzidos, Cam penteou o cabelo para trás com os dedos. — Então, de repente, parece que és tu que mandas.

— Parece-me que sou o único que manteve a cabeça à tona de água. — Com isto, Ethan virou-se e dirigiu-se para casa.

Juntos, Cam e Phillip agarraram a extremidade do embarcadouro. Trocaram um olhar longo e duro, antes de Cam suspirar. — Atiramo-lo depois, — disse ele.

Aceitando as desculpas, Phillip acenou. Içou-se para o embarcadouro e sentou-se, espremendo a gravata de seda estragada. — Também o amava. Tanto como tu. Tanto quanto era possível.

— Pois. — Cam pontapeou os sapatos. — Não aguento. — Era difícil de admitir, para um homem que havia escolhido viver no limite. — Hoje não queria ter lá ido. Não queria estar ali a vê-los deitá-lo à terra.

— Mas estiveste lá. Isso era para ele o mais importante.

Cam tirou as meias, a gravata, o casaco, sentindo o frio da Primavera recém-chegada. — Quem é que te contou... quem é que disse aquelas coisas sobre o pai?

— A Grace. Ela tem ouvido o falatório e achou melhor que soubéssemos o que andam a dizer. Contou-me a mim e ao Ethan, hoje de manhã. E chorou. — Phillip ergueu o sobrolho. — Ainda achas que devia ter apertado com ela?

Cam colocou os sapatos estragados no relvado. — Quero saber quem é que começou isto, e porquê.

— Já olhaste para o Seth, Cam?

O vento entranhava-se-lhe nos ossos. Era por isso que sentia, de súbito, um arrepio urgente. — Claro que olhei para ele. — Cam virou-se, na direcção da casa.

— Olha melhor, — murmurou Phillip.

Quando Cam entrou na cozinha, vinte minutos depois, quente e seco de camisola e calças de ganga, Ethan tinha à sua espera café quente e uísque.

Era uma cozinha grande, ao estilo familiar, com uma mesa de madeira comprida, ao centro. As bancadas brancas revelavam uma certa idade, do uso e desuso. Há uns anos, haviam falado em substituir o velho fogão. Depois, Stella havia adoecido, e nunca mais se falara nisso.

Em cima da mesa, estava uma grande tigela, pouco profunda, que Ethan tinha feito no primeiro ano, na carpintaria do liceu. Estava ali desde que a trouxera para casa, e era frequente estar cheia de cartas e bilhetes, e contas da casa, em vez da fruta para a qual fora concebida. Três janelas amplas, sem cortinas, que abarcavam quase toda a parede das traseiras, abriam a divisão para o pátio e para a água além dele.

As portas dos armários eram de vidro, e os pratos lá dentro, de louça branca simples, meticulosamente arrumados. Tal como estava, pensou Cam, o conteúdo de todas as gavetas. Stella insistia que assim fosse. Quando queria uma colher, por Deus, não queria andar à procura dela.

Mas o frigorífico estava coberto de fotografias e recortes de jornais, bilhetes, postais, desenhos infantis, tudo afixado em turbilhão, com ímanes de várias cores.

O seu coração sobressaltou-se ao entrar naquela divisão, sabendo que os pais nunca mais haveriam de lá entrar.

— O café está forte, — comentou Ethan. — Tal como o uísque. Tu é que escolhes.

— Bebo ambos. — Cam serviu uma caneca, juntando uma gota de Johnnie Walker ao café, sentando-se depois. — Também me queres dar um soco, não é?

— Já dei. Posso dar outra vez. — Ethan decidira que queria tomar o uísque puro e límpido. Serviu-se de um duplo. — Agora já não me apetece muito. — Ficou junto à janela, a olhar lá para fora, o uísque por provar na mão. — Talvez ainda ache que devias ter estado cá nos últimos anos. Talvez não pudesses estar. Agora isso já não importa.

— Não sou homem de água, Ethan. Faço aquilo em que sou bom. Era isso que eles esperavam de mim.

— Pois. — Ele não podia imaginar aquela necessidade de fugir do lugar a que chamava casa, e também santuário. E do amor. Mas não adian-

tava questioná-lo, ou apegar-se a ressentimentos. Nem, admitia, encontrar culpados. — A casa precisa de um jeito.

— Já reparei.

— Devia ter arranjado mais tempo para passar por cá e dar uma vista de olhos. Pensamos sempre que temos tempo para dar uma olhadela, mas não temos. As escadas das traseiras estão a apodrecer, precisam de ser substituídas. Andei sempre a adiar. — Virou-se, assim que Phillip entrou na cozinha. — A Grace hoje à noite tem de ir trabalhar, por isso só pode entreter o Seth por mais algumas horas. Trata tu disso. Eu ia demorar muito tempo.

— Está bem. — Phillip serviu café, sem tocar no uísque. Em vez de se sentar, encostou-se para trás, apoiando-se na bancada. — Parece que o pai recebeu a visita de uma mulher, há uns meses. Ela foi à faculdade, causou alguns distúrbios a que, na altura, ninguém prestou muita atenção.

— Que tipo de distúrbios?

— Fez uma cena no escritório dele, fartou-se de gritar e de chorar com pena de si mesma. Depois foi falar com o reitor e tentou acusar o pai de assédio sexual.

— Que vigarice.

— Na altura, o reitor achou o mesmo. — Phillip serviu-se de outra chávena de café mas, agora, levava-a para a mesa. — Ela alegava que o pai a tinha assediado e molestado quando era estudante na faculdade. Depois, disse que andava a assistir à aula dele porque não podia pagar o total da propina. Mas ninguém conseguiu confirmar isso também. O advogado do pai fez-lhe frente e parece que caiu no esquecimento.

— Ele ficou muito abalado, — acrescentou Ethan. — Não falava comigo desse assunto. Não falava com ninguém. Depois, ausentou-se durante uma semana. Disse-me que ia à Florida pescar. Voltou com o Seth.

— Estás a tentar dizer que as pessoas acham que o miúdo é filho dele? Por amor de Deus, que ele andava enrolado com uma tipa que esperou, o quê, dez anos, para apresentar queixa?

— Na altura, ninguém pensou muito nisso, — interrompeu Phillip.

— Ele já tinha um historial de acolher vagabundos em casa. Mas, depois, houve aquela questão do dinheiro.

— Que dinheiro?

— Ele passou alguns cheques, um de dez mil dólares, outro de cinco e outro de dez, nos últimos três meses. Todos à ordem de Gloria DeLauter. Alguém no banco reparou e comentou com outra pessoa, porque Gloria DeLauter era o nome da mulher que o tinha tentado tramar com as acusações de assédio sexual.

— Por que raio é que ninguém me contou o que se andava a passar por aqui?

— Só descobri a história do dinheiro há umas semanas. — Ethan fitava o uísque, decidindo depois que lhe faria melhor lá dentro do que cá fora. Bebeu-o de um trago, soltando um assobio. — Quando lhe fiz perguntas acerca disso, ele limitou-se a responder que o rapaz era o mais importante. Que não me preocupasse. Assim que tudo estivesse resolvido, haveria de explicar. Pediu-me algum tempo, e parecia tão... indefeso. Não imaginas a sensação, de o ver assustado, velho e frágil. Não o viste, não estavas cá para o ver. Por isso, esperei. — O uísque e a culpa emparelhavam com o desgosto, abrindo um buraco dentro dele. — Mas fiz mal.

Abalado, Cam afastou-se da mesa. — Achas que ele andava a pagar alguma chantagem. Que deu umas cambalhotas com uma aluna há uma dúzia de anos e que a engravidou? E que agora andava a pagar para a manter calada? Para que ela lhe entregasse o miúdo para ele criar?

— Só te estou a contar o que se passou e o que sei. — A voz de Ethan era regular, os olhos estáveis. — Não o que acho.

— Eu nem sei o que hei-de pensar, — disse Phillip baixinho. — Mas sei que Seth tem os olhos dele. Basta olhar para ele, Cam.

— Não acredito que tenha comido a aluna. E não acredito que tenha enganado a mãe.

— Também não quero acreditar. — Phillip pousou a caneca. — Mas era humano. Pode ter cometido um erro. — Um deles tinha de ser realista, por isso decidiu que era o eleito. — Se foi isso que aconteceu, não o vou condenar por isso. O que temos a fazer é descobrir como haveremos de cumprir o que ele nos pediu. Temos de arranjar uma forma de ficar com Seth. Posso descobrir se ele chegou a pôr os papéis para adopção. É possível que ainda não haja nada de definitivo. Vamos precisar de um advogado.

— Quero saber mais sobre essa Gloria DeLauter. — Deliberadamente, Cam abriu os punhos que cerrara, antes que os pudesse usar nalguma coisa, ou em alguém. — Quero saber quem raio é ela. Onde raio é que ela está.

— É contigo. — Phillip encolheu os ombros. — Pessoalmente, nem me quero aproximar dela.

— Que treta é esta do suicídio?

Phillip e Ethan trocaram olhares, depois Ethan levantou-se e dirigiu-se a uma gaveta da cozinha. Abriu-a e tirou um saco grande e selado. Magoava-o pegar nele, e viu pela forma como os olhos de Cam escureciam que reconhecia o porta-chaves verde gasto, ostentando o trevo de três folhas esmaltado, como sendo o do pai.

— Foi isto que encontraram dentro do carro, depois do acidente. — Abriu o saco e tirou um envelope. O papel branco revelava manchas de sangue seco. — Acho que alguém... um dos polícias, o homem do

reboque, talvez um dos paramédicos... olhou lá para dentro e leu a carta, e não se deram ao trabalho de guardar segredo. É dela. — Ethan tirou a carta para fora e estendeu-a a Cam. — DeLauter. O carimbo dos correios é de Baltimore.

— Ele vinha de Baltimore. — Espantado, Cam desdobrou a carta. A caligrafia era uma quantidade de gatafunhos enormes.

*Quinn, estou farta de brincar ao gato e ao rato. Se queres assim tanto o miúdo, está na altura de pagares por ele. Vai ter comigo ao sítio onde o apanhaste. Combinamos para segunda-feira de manhã. Por essa altura, a zona está bem tranquila. Às onze horas. Traz cento e cinquenta mil, em dinheiro. Dinheiro vivo, Quinn, e não contes com descontos. Se não apareceres com o dinheiro todo, levo o miúdo de volta. Lembra-te, posso dar cabo do processo de adopção quando quiser. Cento e cinquenta mil são uma pechincha por um rapaz tão lindo como o Seth. Traz o dinheiro e eu desapareço. Tens a minha palavra.*

Gloria

— Ela vendeu-o, — murmurou Cam. — Como se ele fosse um... — Interrompeu-se, subitamente erguendo o olhar para Ethan, recordando. Há tempos, também Ethan fora vendido, pela própria mãe, a homens que gostavam de rapazinhos. — Desculpa, Ethan.

— Não me importo, — disse, simplesmente. — A mãe e o pai asseguraram-se disso. Ela não vai ter o Seth de volta. Custe o que custar, ela não lhe há-de pôr as mãos em cima.

— Não sabemos se ele lhe pagou, pois não?

— Aqui, a conta bancária dele ficou vazia, — comentou Phillip. — Pelo que percebi... e ainda não olhei para os papéis dele ao pormenor... fechou as poupanças regulares e vendeu os CDs. Só teve um dia para arranjar o dinheiro. É capaz de ter arranjado cerca de cem mil. Não sei se tinha os restantes cinquenta... se é que tinha tempo de o liquidar, caso o arranjasse.

— Ela não ia desaparecer. Ele devia saber disso. — Cam pousou a carta, batendo com as mãos nas calças de ganga, como se as limpasse. — Então, as pessoas andam a dizer que ele se matou numa espécie de... ataque de pânico, desespero? Ele não ia deixar o miúdo sozinho.

— Não deixou. — Ethan caminhou até à cafeteira. — Deixou-o ao nosso cuidado.

— Como diabo é que haveremos de ficar com ele? — Cam sentou-se novamente. — Quem é que nos vai deixar adoptar seja quem for?

— Haveremos de descobrir uma forma. — Ethan serviu o café, jun-

tando açúcar suficiente para obrigar Phillip a esboçar uma careta. — Agora é nosso.

— Que raio é que vamos fazer com ele?

— Vamos pô-lo na escola, dar-lhe um tecto sobre a cabeça, pôr-lhe comida no prato e tentar dar-lhe um pouco daquilo que também tivemos.

— Levou a cafeteira, enchendo a caneca de Cam. — Alguma objecção?

— Dezenas delas, mas nenhuma é mais forte do que o facto de lhe termos dado a nossa palavra.

— Parece-me que todos concordamos com isso. — Franzindo o sobrolho, Phillip tamborilou os dedos na mesa. — Mas esquecemo-nos de uma questão bastante vital. Nenhum de nós sabe o que é que o Seth tem a dizer sobre isto. Pode não querer ficar aqui. Pode não querer ficar connosco.

— Só estás a querer complicar tudo, como sempre, — queixou-se Cam. — Porque haveria de não querer?

— Porque não te conhece, e mal me conhece a mim. — Phillip ergueu a caneca e gesticulou. — O único com quem ele passou algum tempo é o Ethan.

— Não passou assim tanto tempo comigo. — Admitiu Ethan. — Levei-o a dar uma volta de barco algumas vezes. Tem uma mente aguçada, mãos rápidas. Não gosta muito de falar de si, mas quando fala, nunca mais se cala. Tem passado algum tempo com a Grace. Ela não se importa nada.

— O pai queria que ele ficasse, — afirmou Cam, encolhendo os ombros. — Vai ficar. — Olhou por cima do ombro, na direcção do som de uma buzina que apitou três vezes.

— Deve ser a Grace que o veio trazer, a caminho do Shiney's Pub.

— Do Shiney's? — Cam ergueu as sobrancelhas. — O que é que ela vai fazer ao Shiney's?

— Ganhar a vida, espero eu, — retorquiu Ethan.

— Oh, sim. — Esboçou um sorriso lento. — Ele ainda obriga as empregadas a vestir aquelas saias minúsculas com lacinhos no rabo, e meias de rede pretas?

— Ainda, — respondeu Phillip, com um suspiro longo e pensativo. — Ainda faz isso.

— A Grace deve encher bem uma dessas fatiotas, imagino.

— É verdade. — Sorriu Phillip. — É verdade que sim.

— Talvez ainda passe pelo Shiney's mais tarde.

— A Grace não é uma das tuas modelos francesas. — Ethan levantou-se da mesa, pegou na caneca e levou-a, juntamente com a irritação latente, para o lava-louça. — Não te metas.

— Whoa. — Por trás das costas de Ethan, Cam ergueu as sobrancelhas.

lhas na direcção de Phillip. — Já estou a bater em retirada, mano. Não sabia que a trazias debaixo de olho.

— Não trago nada. Ela é mãe, por amor de Deus.

— No Inverno passado, diverti-me imenso com uma mãe de dois filhos, em Cancun, — recordava Cam. — O ex dela nadava em óleo, azeite, para ser mais concreto, e a única coisa que ela conseguiu do divórcio foi uma *villa* mexicana, alguns carros, umas bugigangas, arte e dois milhões. Passei uma semana memorável a consolá-la. E os miúdos eram engraçados... à distância. Tinham ama e tudo.

— És cá um humanitário, Cam, — comentou Phillip.

— Não sei ser outra coisa.

Ouviram a porta da frente bater e entreolharam-se. — Bom, quem é que vai falar com ele? — Indagou Phillip.

— Sou uma desgraça nesse campo. — Ethan já se dirigia para a porta das traseiras. — E tenho de ir dar de comer ao cão.

— Cobarde, — murmurou Cam, assim que a porta se fechou nas costas de Ethan.

— Podes crer. Eu também sou. — Phillip levantou-se para sair. — Sobrou para ti. Tenho um monte de papelada para despachar.

— Espera aí um minuto...

Mas Phillip desaparecera, comunicando alegremente a Seth que Cameron queria falar com ele. Quando Seth chegou à porta da cozinha, com um cachorrinho a saltitar junto aos seus calcanhares, viu Cam de testa franzida, enquanto deitava mais uísque no café.

Seth enfiou as mãos nos bolsos e ergueu o queixo. Não queria estar ali, não queria falar com ninguém. Em casa de Grace, conseguira ficar apenas sentado na pequena varanda dela, sozinho com os seus pensamentos. Até mesmo quando ela fora um pouco até lá fora e se sentara a seu lado, com Aubrey no joelho, havia-o deixado em paz.

Porque compreendia que ele queria que o deixassem em paz.

Agora tinha de lidar com o homem. Não tinha medo das mãos grandes nem do olhar duro. Não ia ter, não podia ter medo. Não se importava que o despachassem, que o atirassem borda fora, como um daqueles peixes minorcas que Ethan pescava na baía.

Sabia cuidar de si. Não estava preocupado.

O seu coração batia forte no peito, como um rato numa gaiola.

— Qué? — A palavra solitária transbordava provocação e desafio. Seth permanecia de pé, as pernas rígidas, à espera de uma reacção.

Cam limitava-se a continuar de testa franzida, beberricando o café aditivado. Com uma mão pensativa, afagava o cachorrinho que, corajoso, tentava trepar-lhe para o colo. Via um rapaz esquelético que ostentava cal-



ças de ganga, ainda duras e obviamente novas, um esgar trocista, e os olhos de Quinn. — Senta-te.

— Prefiro ficar de pé.

— Não te perguntei o que preferes, disse-te que te sentasses.

Obediente, Tolinho sentou o traseiro gorducho e feliz no chão. Mas rapaz e homem permaneciam a entreolhar-se. O rapaz cedeu primeiro. Fora o trejeito rápido dos ombros que levava Cam a pousar a caneca com um clique. Era um gesto de Quinn, no final de contas. Cam levou alguns instantes a acalmar, tentando reunir os pensamentos. Mas estes permaneciam dispersos e evasivos. Que raio é que haveria de dizer ao rapaz?

— Já comeste alguma coisa?

Seth observava-o desconfiado, por baixo de pestanas espessas e femininas. — Sim, petisquei qualquer coisa.

— Ah, o Ray, falou contigo sobre... as coisas? Os planos que tinha para ti?

Voltou a estremecer os ombros. — Não sei.

— Ele estava a tentar adoptar-te, a legalizar o processo. Sabias disso.

— Ele morreu.

— Sim. — Cam voltou a pegar no café, deixando a dor passar. — Morreu.

— Vou para a Florida, — desabafou Seth, assim que a ideia lhe veio à cabeça.

Cam bebericava o café, inclinando a cabeça como se estivesse algo interessado. — Ai, sim?

— Tenho algum dinheiro. Pensei em partir de manhã, apanhar um autocarro para sul. Não me podes impedir.

— Claro que posso. — Mais confortável agora, Cam reclinou-se na cadeira. — Sou maior do que tu. O que é que tencionas fazer na Florida?

— Posso arranjar trabalho. Posso fazer montes de coisas.

— Roubar umas carteiras, dormir na praia.

— Talvez.

Cam acenou. Tinham sido esses os seus planos, quando tivera o México como destino. Pela primeira vez, achava que conseguia identificar-se com o rapaz, apesar de tudo. — Parece que ainda não podes conduzir.

— Se precisasse, conduzia.

— Hoje em dia é mais difícil roubar um carro, a não ser que tenhas alguma experiência. E tens de ter mobilidade, se quiseres andar um passo à frente da polícia. A Florida não é boa ideia.

— É para lá que vou. — Seth cerrou o maxilar.

— Não vais, não.

— Não me vais mandar para lá. — Com um salto, Seth levantou-se

da cadeira, a sua figura esguia a vibrar de medo e raiva. O movimento e o grito súbitos levaram o cachorrinho a correr, amedrontado, para fora da cozinha. — Não tens qualquer poder sobre mim, não me podes obrigar a voltar.

— Voltar para onde?

— Para ela. Vou-me embora agora mesmo. Vou buscar as minhas coisas e vou-me embora. E se achas que me podes impedir, pensa duas vezes.

Cam reconhecia a postura — preparada para um golpe, mas pronta a ripostar. — Ela batia-te?

— Não tens nada a ver com a merda do assunto.

— Ray delegou-me a merda do assunto. Chegas perto da porta, — acrescentou ao ver que Seth se apoiava nos calcanhares, — e eu vou-te lá buscar. — Cam limitou-se a suspirar quando Seth tentou a sua sorte.

Assim que o apanhou a meio metro da porta, teve de admitir como era rápido. E assim que apanhou o rapaz pela cintura, levou com o seu punho fechado no maxilar, já dormente, admitindo também como era forte.

— Tira as patas de cima de mim, seu filho da mãe. Se me tocares, mato-te.

Ameaçador, Cam arrastou Seth para a sala de estar, empurrou-o para cima de uma cadeira e encurralou-o com o rosto colado no dele. Não se teria importado se vislumbrasse apenas raiva nos olhos do rapaz, ou provocação. Mas o que viu foi terror puro.

— Tens tomates, miúdo. Agora, vê se consegues arranjar miolos que lhes façam justiça. Se quiser sexo, procuro uma mulher. Estás a perceber?

Ele não conseguia falar. Apenas sabia que, ao sentir aquele braço duro e musculado que o prendia, daquela vez, não tivera escapatória possível. Daquela vez, não se conseguira libertar e fugir.

— Aqui ninguém te vai tocar dessa maneira. Nunca. — Sem se aperceber, Cam serenara a voz. O olhar permanecia sombrio, mas a aspereza desvanecera-se. — Se te puser as mãos em cima, o pior que pode acontecer é tentar incutir-te algum juízo nessa cabeça. Percebeste?

— Não quero que me toques, — Seth conseguiu articular. Estava sem fôlego. Gotas de suor de pânico deslizavam pela sua pele, como azeite. — Não gosto que me toquem.

— Ok, tudo bem. Fica aí sentado. — Cam recostou-se, para depois puxar um banco e sentar-se. Visto que Tolinho estava agora a tremer de terror, Cam pegou nele e deitou-o no colo de Seth. — Temos um problema, — começou Cam, rezando por inspiração para lidar com o assunto. — Não posso tomar conta de ti vinte e quatro horas por dia. Se pudesse, raios me

partam se não o fazia. Se fugires para a Florida, vou ter de ir à tua procura e trazer-te de volta. Vou ficar furo com isso.

Já que o cão estava ali, Seth afagava-o, consolando-se no próprio gesto. — O que é que te importa para onde vou?

— Não posso dizer que me importe. Mas o Ray importava-se. Por isso, vais ter de ficar.

— Ficar? — Era uma opção que Seth nunca havia ponderado. Certamente, não se permitira acreditar nisso. — Aqui? Quando venderem a casa...

— Quem é que vai vender a casa?

— Eu... — Seth interrompeu-se, decidindo que estava a falar de mais. — As pessoas acham que é o que vão fazer.

— As pessoas estão enganadas. Ninguém vai vender a casa. — Foi uma surpresa para Cam a certeza que revelara naquele assunto em particular. — Ainda não sei como vamos cuidar dela. Ainda estou a pensar numa solução. Mas no entretanto, é melhor pões isto na tua cabeça. Não vais a lado nenhum. — O que significava, percebia Cam num sobressalto, que ele também não.

Parecia que continuava em maré de azar.

— Temos de nos aturar um ao outro, miúdo, durante os próximos tempos.

Cam imaginava que aquela havia sido a semana mais estranha da sua vida. Devia estar em Itália, preparando-se para a prova de motocrosse a que pretendia ir. A maior parte das suas roupas e o barco estavam em Monte Carlo, o carro estava em Nice, a motorizada em Roma.

E ele estava em S. Cris, a tomar conta de um miúdo de dez anos com mau feitio. Rogava a Cristo que o putto estivesse na escola, onde devia. Naquela manhã, haviam-se digladiado sobre aquele pequeno problema. Mas também, haviam declarado guerra um ao outro sobre quase tudo.

Tarefas da cozinha, recolher obrigatório, roupa para lavar, programas de televisão. Cam abanava a cabeça, ao consertar os degraus podres das traseiras da casa. Era capaz de jurar que o miúdo quase matava alguém, só por tentar dar-lhe os bons-dias.

E talvez não estivesse a desempenhar um papel maravilhoso como tutor, mas, bolas, estava a dar o seu melhor. Tinha uma real dor de cabeça como prova. Ainda para mais, estava sozinho. Phillip prometera os fins-de-semana, e já era alguma coisa. Mas pelo meio, ainda lhe sobravam cinco dias aterradores. Ethan fazia questão de passar por lá e de ficar algumas horas à noite, depois da pescaria diária.

Mas ainda lhe sobravam os dias.

Cam teria trocado a sua alma imortal por uma semana em Martinica. Areia quente e mulheres escaldantes. Cerveja gelada sem chatices. Em vez disso, andava a tratar da roupa, a descobrir os mistérios de cozinhar no microondas e a tentar manter na linha um rapaz que parecia empenhado em desgraçar-lhe a vida.

— Também eras assim.

— O diabo, é que era. Não tinha chegado aos doze anos, se fosse assim tão idiota.

— Grande parte daquele primeiro ano, eu e a Stella ficávamos deitados na cama a pensar se ainda cá estarias de manhã.

— Pelo menos vocês eram dois. E...

A mão de Cam ficou inerte sobre o martelo. Os dedos limitaram-se a ceder, até o deixar cair com força no chão, a seu lado. Ali no balouço que rangia, no alpendre das traseiras, estava sentado Ray Quinn. O seu rosto largo e sorridente, o cabelo num emaranhado cinzento que caía comprido e farto. Vestia as suas calças de pesca cinzentas preferidas, uma T-shirt cin-

zenta desmaiada com um caranguejo vermelho estampado no peito. Estava descalço.

— Pai? — A cabeça de Cam girou uma vez, débil, depois o coração explodiu de alegria. De um salto, pôs-se em pé.

— Não achavas que te ia deixar a matutar nisto sozinho, pois não?

— Mas... — Cam fechou os olhos. Estava com alucinações, apercebeu-se. Devia ser do stress e da fadiga, impulsionados pelo desgosto.

— Sempre tentei ensinar-te que a vida está cheia de surpresas e milagres. Queria que mantivesses a mente aberta não apenas às possibilidades, Cam, mas às impossibilidades.

— A fantasmas? Céus!

— Porque não? — A ideia parecera animar bastante Ray, deixando-se perder numa das suas gargalhadas profundas e possantes. — Procura na literatura, filho. Está cheia deles.

— Não pode ser, — murmurou Cam, entre dentes.

— Estou aqui sentado, por isso parece que pode. Deixei muitas coisas por resolver. Agora compete a ti e aos teus irmãos, mas quem disse que não vos posso ajudar de vez em quando?

— Ajudar. Pois, estou mesmo a precisar de ajuda a sério. A começar por um psiquiatra. — Antes de sentir as pernas a ceder, Cam apoiou-se nos degraus partidos e sentou-se na berma do alpendre.

— Não enlouqueceste, Cam, estás apenas confuso.

Cam respirou fundo e virou a cabeça para estudar o homem que, ociosamente, se embalava na velha cadeira de balouço de madeira. O Poderoso Quinn, pensou, ao mesmo tempo que expelia o ar dos pulmões. Parecia sólido e real. Parecia, decidira Cam, estar ali.

— Se estás mesmo aqui, fala-me do rapaz. É teu?

— Agora é teu. Teu, do Ethan e do Phillip.

— Isso não é suficiente.

— Claro que é. Estou a contar com cada um de vocês. Ethan aceita a realidade como ela é, e tenta tirar o melhor partido dela. Phillip ocupa a cabeça com pormenores e deslinda-os. Tu insistes até conseguires levar a tua avante. O rapaz precisa de vocês três. O mais importante é o Seth. Vocês são o mais importante.

— Não sei o que fazer dele, — disse Cam, impaciente. — Não sei o que fazer comigo mesmo.

— Se descobrires uma coisa, resolves a outra.

— Raios partam, conta-me o que aconteceu. Diz-me o que é que se passa.

— Não é por isso que estou aqui. Também não te posso dizer se vi o Elvis ou não. — Ray sorriu, quando Cam soltou uma gargalhada curta e

desamparada. — Acredito em ti, Cam. Não desistas do Seth. Não desistas de ti mesmo.

— Não sei como fazer isto.

— Arranja os degraus, — disse Ray, piscando o olho. — Já é um começo.

— Que se lixem os degraus, — começou Cam, mas ficou sozinho novamente, com as melodias dos pássaros e a água que, suave, escorria. — Estou a perder o juízo, — murmurou, esfregando a mão trémula pela face. — Estou a perder a porcaria do juízo.

Levantando-se, voltou a trabalhar nos degraus.

Anna Spinelli tinha o rádio em altos berros. Aretha Franklin gritava a plenos pulmões, exigindo respeito. Anna gritava juntamente com ela, deliciosamente encantada com o carro novinho em folha.

Matara-se a trabalhar, acumulara e gerira poupanças para poder pagar a entrada e as prestações mensais. No que lhe dizia respeito, ia valer cada embalagem de iogurte que comia, em vez de uma refeição decente.

Apesar do frio ar primaveril, teria preferido conduzir com a capota para baixo, ao acelerar pelas estradas secundárias. Mas não seria muito profissional chegar despenteada pelo vento. Acima de tudo, era essencial ter aparência e comportamento profissionais.

Escolhera um fato simples azul-marinho, discreto, para esta visita ao domicílio. O que usava por baixo dele, só a ela dizia respeito. O gosto que nutria pela seda reduzia-lhe ainda mais o orçamento já curto, mas afinal de contas, a vida era para ser vivida.

Lutara com o cabelo negro, comprido e encaracolado, apanhando-o apuradamente bem junto à nuca. Achava que lhe conferia um ar mais maduro e digno. Muitas vezes, quando usava o cabelo solto, sentia que não a levavam a sério, em vez de a encararem como a assistente social empenhada que era.

A pele emanava um dourado pálido, graças à sua ascendência italiana. Os olhos, grandes e escuros, quase em forma de amêndoa. Tinha uma boca plena, em que sobressaía o lábio inferior. As maçãs do rosto eram fortes e proeminentes, o nariz comprido e direito. Usava pouca maquilhagem durante o expediente, de cansada que estava de atrair atenções de outra espécie.

Tinha vinte e oito anos, era dedicada ao trabalho, estava satisfeita com a vida de solteira e grata por se ter conseguido instalar na bonita vila de Princess Anne.

Estava farta da cidade.

Enquanto conduzia pelos campos planos e compridos, com o perfu-

me da água ténue na brisa que lhe entrava pela janela, sonhava com o dia em que se mudaria para um lugar assim. Campo, carreiros e tractores. Uma vista da baía e dos barcos.

Teria de poupar, de fazer planos, mas um dia esperava conseguir comprar uma casinha nos arredores da vila. A troca não seria muito dura, não quando conduzir era um dos seus maiores prazeres pessoais.

O leitor de CD mudara de faixa, da Rainha do Soul para Beethoven. Anna começou a trautear o «Hino da Alegria».

Estava feliz por lhe terem atribuído o caso Quinn. Era tão interessante. Desejava apenas ter tido a oportunidade de conhecer Raymond e Stella Quinn. Só podiam ser pessoas muito especiais, para adoptarem três rapazes adolescentes e problemáticos, conseguindo que tudo corresse bem.

Mas tinham morrido, e agora Seth DeLauter estava ao seu cuidado. Era óbvio que o processo de adopção não podia seguir em frente. Três homens solteiros — um que vivia em Baltimore, outro em S. Cris e o outro onde lhe desse mais jeito no momento. Bom, pensava Anna, não lhe parecia ser o melhor ambiente para uma criança. Em qualquer dos casos, duvidava que eles quisessem a custódia.

Por isso, Seth DeLauter seria outra vez absorvido pelo sistema. Anna tencionava fazer o melhor que pudesse por ele.

Assim que avistou a casa através das folhas verdejantes, parou o carro. Deliberadamente, baixou o volume do rádio para decibéis mais aceitáveis, e em seguida compôs o rosto e o cabelo ao espelho retrovisor. Engatando a primeira, conduziu os restantes metros de forma ociosa e virou lentamente na entrada para carros.

O primeiro pensamento foi para a bela casa naquele lindo cenário. Tão calma e sossegada, pensou. Estava a precisar de uma boa camada de tinta, e o pátio precisava de ser cuidado, mas o pequeno ar de negligência apenas ajudava à sensação de estar em casa.

Um rapaz seria feliz ali, pensou. Qualquer pessoa seria. Era uma pena que ele tivesse de se ir embora. Suspirou um pouco, sabendo bem que o destino tinha os seus caprichos. Pegando na pasta, saiu do carro.

Ajeitou o casaco, para ter a certeza que lhe assentava na perfeição. Usava-o um pouco largo, para não ostentar curvas perturbadoras. Avançou na direcção da porta da frente, reparando que os canteiros perenes que ladeavam os degraus começavam a florir.

Ela tinha mesmo de aprender mais sobre flores; fez uma nota mental para procurar uns livros de jardinagem na biblioteca.

Ouviu o martelar e hesitou, depois, nos saltos baixos e práticos, atravessou o relvado na direcção das traseiras da casa.

Quando o viu, estava ajoelhado no chão. A T-shirt preta, presa nas

calças de ganga confortáveis e gastas. De um ponto de vista puramente feminino, era impossível não reagir em aprovação. Os músculos — do tipo torneado e magro — sobressaíam enquanto batia na madeira com tal raiva, pensava Anna, tal força, que o ar lançava as vibrações de ambas para o espaço.

Phillip Quinn? Perguntava-se. O executivo de publicidade. Duvidava bastante.

Cameron Quinn, o aventureiro que corria o mundo? Dificilmente.

Então, devia ser Ethan, o homem da água. Estampou um sorriso simpático no rosto e avançou. — Sr. Quinn.

Ele ergueu a cabeça. Com o martelo ainda bem firme na mão, virou-se até que ela lhe viu o rosto. Oh, sim, a raiva estava lá, percebia ela, flagrante e letal. E o próprio rosto era mais apelativo e, certamente, mais duro do que estava preparada para encarar.

Uma quota de sangue nativo-americano, decidiu ela, devia ser responsável por aqueles ossos e pela pele bronzeada. O cabelo era de um negro autêntico, despenteado e comprido o suficiente para lhe cair sobre o pescoço. Os olhos eram tudo menos amistosos, da cor de tempestades agrestes.

Do ponto de vista pessoal, ela achava a embalagem maravilhosamente sensual. Do profissional, conhecia o aspecto de um gato vadio quando o via, e decidira ali mesmo que não importava o Quinn que fosse, era um homem com o qual se devia acautelar.

Ele levou algum tempo a estudá-la. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que, pernas daquelas, mereciam um escarapate melhor do que a saia azul-marinho desinteressante e os feios sapatos pretos. A segunda foi que, quando uma mulher tinha olhos assim tão grandes, tão castanhos, tão lindos, provavelmente conseguia aquilo que queria sem dizer uma palavra.

Pousou o martelo e levantou-se. — Eu sou o Quinn.

— Sou a Anna Spinelli. — Manteve o sorriso no rosto, ao avançar, de mão estendida. — Qual dos Quinn é você?

— Cameron. — Ele esperara uma mão suave, devido aos olhos, devido à voz sussurrada, mas revelara-se firme. — O que posso fazer por si?

— Sou a assistente responsável pelo caso de Seth DeLauter.

O interesse dele evaporara-se, endireitando a coluna. — O Seth está na escola.

— Esperava que estivesse. Gostava de abordar a situação consigo, Sr. Quinn.

— O meu irmão Phillip é que está a tratar dos aspectos legais.

Ela arqueou a sobrancelha, determinada a manter o pequeno sorriso educado. — Ele está cá?

— Não.



— Bom, então, peço que me dispense alguns momentos. Presumo que esteja a viver aqui, pelo menos temporariamente.

— E depois?

Ela nem se incomodou em suspirar. Muita gente via na assistente social o inimigo. Ela própria já o fizera. — A minha preocupação é o Seth, Sr. Quinn. Agora, podemos abordar o assunto, ou posso simplesmente avançar com os procedimentos para a sua remoção desta casa, para dar entrada numa casa de acolhimento aprovada por nós.

— Seria um erro se tentasse fazer isso, M'nina Spinelli. Seth não vai a lado nenhum.

Ela ergueu as costas, pela forma como ele pronunciara o seu nome. — Seth DeLauter é menor de idade. A adopção a título privado empreendida pelo seu pai ainda não está concluída, e existem algumas questões quanto à sua validade. Nesta altura, Sr. Quinn, o senhor não tem qualquer ligação legal para com ele.

— Não quer que eu lhe diga o que deve fazer com a ligação legal, pois não, M'nina Spinelli? — Com uma certa satisfação, ele observava aqueles olhos enormes e negros a cintilar. — Bem me parecia que não. Posso dar resistência. Seth é meu irmão. — Ficou abalado, só de o pronunciar. Com um trejeito do ombro, virou-se. — Preciso de uma cerveja.

Ela ficou imóvel por momentos, depois de a porta guarda-vento bater. No que dizia respeito ao trabalho, ela simplesmente não podia dar-se ao luxo de perder as estribeiras. Respirou fundo cerca de três vezes, antes de subir os degraus meio consertados, e de entrar em casa.

— Sr. Quinn...

— Ainda aí está? — Abriu uma garrafa de Harp. — Quer uma cerveja?

— Não. Sr. Quinn...

— Não gosto de assistentes sociais.

— Está a brincar. — Ela permitiu-se bater com as pestanas na direcção dele. — Jamais teria imaginado.

Ele torceu os lábios, antes de erguer a garrafa na direcção deles. — Não é nada pessoal.

— Claro que não. Não gosto de homens mal-educados e arrogantes. Também não é nada pessoal. Agora, está disposto a discutir o bem-estar do Seth, ou será que devo voltar com a papelada necessária e a polícia?

Ela ia fazê-lo, decidiu Cam, após outra análise breve. Podia ter um rosto digno de uma pintura, mas não era flor que se cheirasse. — Tente fazer isso, e vai ver o miúdo atrás das grades. Mais cedo ou mais tarde acabavam por o apanhar, e ia parar a uma casa de correcção... depois acabava numa cela. O vosso sistema não o vai ajudar, M'nina Spinelli.

— Mas você pode?

— Talvez. — Franziu a testa para a cerveja. — O meu pai fá-lo-ia. — Quando voltou a erguer o olhar, centenas de emoções tempestivas no seu olhar eram atraídas para ela. — Acredita na solenidade de uma promessa feita no leito da morte?

— Acredito, — respondeu ela, antes de se conseguir controlar.

— No dia em que o meu pai morreu, prometi-lhe... nós prometemos-lhe... que Seth haveria de ficar connosco. Nada nem ninguém me vai fazer quebrar essa promessa. Nem você, nem o vosso sistema, nem uma dúzia de polícias.

A situação não era nada do que esperara encontrar. Por isso, tinha de a reformular. — Gostava de me sentar, — disse Anna, passados alguns instantes.

— Faça favor.

Ela puxou uma cadeira para junto da mesa. Havia pratos no lava-louça, reparou, e o cheiro desmaiado do jantar queimado da noite anterior. Mas para ela, aquilo significava apenas que alguém estava a tentar alimentar um jovem rapaz. — Tenciona candidatar-se à custódia legal?

— Nós...

— Você, Sr. Quinn, — interrompeu ela. — Estou a perguntar-lhe a si, se é essa a sua intenção. — Esperou, observando as dúvidas e a resistência assomarem-lhe ao rosto.

— Então, parece que é. Sim. — Que Deus os ajudasse, pensava ele. — Se é isso que é preciso.

— Tenciona viver nesta casa, com o Seth, a título permanente?

— Permanente? — Provavelmente, aquela era a única palavra realmente assustadora que podia ouvir. — Agora, tenho de me sentar. — E foi o que fez, apertando de seguida a cana do nariz entre o polegar e o indicador, para aliviar alguma da pressão. — Cristo. Que tal se usássemos «num futuro próximo», em vez de «permanente»?

Ele entrelaçou as mãos, apoiando-as na borda da mesa. Não duvidava da sua sinceridade, até haveria de o aplaudir pelas suas intenções. Mas... — Você não faz ideia da responsabilidade que está a assumir.

— Está enganada. Sei, sim, e assusta-me como o diabo.

Ela acenou, pensando na resposta como um ponto a favor dele. — Porque é que acha que será melhor tutor de um rapaz de dez anos, um rapaz que acredito que conhece há menos de duas semanas, do que um lar de acolhimento escolhido e aprovado?

— Porque o compreendo. Já fui como ele... ou parte dele. E porque é aqui o lugar dele.

— Deixe-me esclarecer alguns dos maiores obstáculos ao que tencio-

na fazer. Você é solteiro, sem residência fixa e sem um vencimento estável.

— Tenho uma casa aqui mesmo. Tenho dinheiro.

— Em nome de quem é que está a casa, Sr. Quinn? — Ela limitou-se a acenar, ao ver que ele unia as sobranceiras. — Imagino que não faça ideia.

— O Phillip sabe.

— Ainda bem para o Phillip. E tenho a certeza que tem algum dinheiro, Sr. Quinn, mas estava a falar de um emprego certo. Andar pelo mundo fora a correr em toda a espécie de veículos motorizados não é um emprego fixo.

— É muito bem pago.

— Já pensou no risco de vida ou de incapacidade, inerente ao seu estilo de vida, para assumir uma responsabilidade destas? Acredite que o tribunal vai pensar. E se lhe acontece alguma coisa, quando estiver a tentar quebrar recordes de velocidade?

— Sei o que estou a fazer. Além disso, somos três.

— Apenas um é que vive nesta casa onde o Seth vai viver.

— E então?

— E o que vive não é um professor de faculdade respeitado, com experiência de criar três filhos.

— Isso não significa que não dê conta do recado.

— Não, Sr. Quinn, — retorquiu ela, paciente, — mas é um grande obstáculo à custódia legal.

— E se todos vivêssemos?

— Perdão?

— E se vivêssemos todos aqui? E se os meus irmãos se mudassem? —

Mas que grande confusão, pensou Cam, mas prosseguiu. — E se eu arranjasse... — Agora tinha de beber um valente trago de cerveja, sabendo que a palavra lhe ficaria presa na garganta. — Emprego, — conseguiu dizer.

Ela fitou-o. — Estaria disposto a mudar de vida de forma tão drástica?

— O Ray e a Stella Quinn mudaram a minha vida.

O rosto dela serenou, obrigando Cam a pestanejar de surpresa ao ver que a sua boca generosa se curvava num sorriso, ao mesmo tempo que os olhos pareciam ficar mais escuros e profundos. Quando estendeu a mão, fechada levemente sobre a dele, ele manteve o olhar fixo nesta, surpreendido pelo sobressalto célere daquilo que era, sem dúvida, pura luxúria.

— Quando vinha de carro para aqui, desejei tê-los conhecido. Pensava que deviam ser pessoas fantásticas. Agora, tenho a certeza disso. — Em seguida, recuou. — Vou precisar de falar com o Seth, e com os seus irmãos. A que horas é que o Seth volta da escola?

— A que horas? — Cam olhou de soslaio para o relógio da cozinha, sem a mais pequena ideia. — É mais ou menos... flexível.

— Tem de fazer melhor que isso, se chegarmos a ter de fazer uma análise formal do ambiente familiar. Eu passo pela escola para falar com ele. O seu irmão Ethan. — Levantou-se. — Encontro-o em casa?

— Não a esta hora do dia. Antes das cinco, chega a casa com a pescaria.

Ela deu uma olhadela ao relógio, medindo o tempo. — Está bem, e vou entrar em contacto com o seu outro irmão, em Baltimore. — Da pasta tirou um impecável bloco de notas forrado a cabedal. — Agora, importa-se de me dar os nomes e moradas de alguns vizinhos? Pessoas que o conheçam e a Seth, e que possam atestar o seu carácter. Isto é, o lado bom do seu carácter.

— Até lhe podia dar alguns.

— Já é um começo. Vou fazer alguma pesquisa por aqui, Sr. Quinn. Se for do melhor interesse do Seth permanecer na vossa casa, aos seus cuidados, farei tudo para o ajudar. — Inclinou a cabeça. — Se chegar à conclusão que é preferível tirá-lo cá de casa, e privá-lo dos seus cuidados, então lutarei com unhas e dentes para que isso aconteça.

Cam também se levantou. — Então, acho que chegámos a um entendimento.

— De modo nenhum. Mas temos de começar por algum lado.

Assim que ela saiu de casa, Cam agarrou no telefone. Depois de ter passado por uma secretária e uma assistente até falar com Phillip, a sua paciência havia-se esgotado.

— Esteve aqui um raio de uma assistente social.

— Disse-te que isso ia acontecer.

— Não, não disseste.

— Disse, sim. E tu não ouviste. Tenho um amigo... um advogado... a trabalhar no processo de custódia. A mãe do Seth pirou-se; tanto quanto sabemos, não está em Baltimore.

— Não quero saber onde é que anda a mãe. A assistente social fez algum alarido sobre levar o Seth.

— O advogado vai pedir uma custódia temporária. Leva algum tempo, Cam.

— Podemos não ter tempo. — Fechou os olhos, tentando ver para além da raiva. — Ou talvez tenha conseguido ganhar algum. Quem é o proprietário da casa agora?

— Somos nós. O pai deixou-a... bom, tudo... a nós os três.

— Bom, ótimo. É que estás prestes a mudar de base de operações.

Tens de encaixotar esses fatos de marca, amigo, e trazer esse traseiro para cá. Temos de voltar a viver juntos.

— Uma ova.

— E eu tenho de arranjar um maldito emprego. Espero-te hoje às sete. Traz o jantar. Estou fartinho de cozinhar.

Deu-lhe alguma satisfação desligar o telefone aos praguejos vigorosos de Phillip.

Anna achou Seth soturno, espertalhão e mal-humorado. E gostou dele imediatamente. O director dera autorização para o levar da sala de aula e usar um canto da cafetaria vazia como escritório improvisado.

— Seria mais fácil se me contasses o que pensas e sentes, e o que queres.

— O que é que isso lhe interessa?

— Pagam-me para isso.

Seth encolheu os ombros e continuou a desenhar padrões na mesa com o dedo. — Acho que devia meter-se na sua vida, sinto-me aborrecido, e quero que se vá embora.

— Bom, já chega de falar de mim, — disse Anna e teve o prazer de ver Seth a lutar para reprimir um sorriso. — Falemos de ti. És feliz a viver com o Sr. Quinn?

— É uma casa porreira.

— Sim, também gostei. Então e o Sr. Quinn?

— Ele acha que sabe tudo. Pensa que é o máximo, só porque já correu o mundo todo. Pois deixe-me que lhe diga, cozinha mal à brava.

Ela pousou a caneta em cima da mesa e entrelaçou as mãos por cima do bloco de notas. Ele estava demasiado magro, pensou. — Costumas ficar com fome?

— Ele acaba sempre por ir buscar uma pizza ou hambúrgueres. Uma desgraça. O que será preciso para pôr o microondas a funcionar?

— Talvez devesses ser tu a cozinhar.

— Como se ele me pedisse. Uma noite destas, explodiu as batatas. Esqueceu-se de as furar com o garfo, percebe, e bumba! — Seth esqueceu-se do esgar, acabando por rir alto e em bom som. — Que porcaria! Fartou-se de dizer asneiras, bolas.

— Então, a cozinha não é bem o forte dele. — Mas, Anna decidira, estava a esforçar-se.

— A quem o diz. Faz bem melhor quando anda a martelar coisas ou a tratar daquele carro todo janota. Já viu aquele 'Vette'? O Cam disse que era da mãe dele e que ela o tinha há séculos. Acelera como um foguetão. O Ray guardava-o na garagem. Parece que não queria conduzi-lo.

— Sentes falta dele? Do Ray?

Voltou a encolher os ombros, descendo depois o olhar. — Ele era por-reiro. Mas estava velho e quando envelhecemos, morremos. É assim que acontece.

— Então e o Ethan e o Phillip?

— São simpáticos. Gosto de passear nos barcos. Se não tivesse escola, podia trabalhar com o Ethan. Ele disse que tenho muito jeito.

— Queres ficar com eles, Seth?

— Não tenho mais nenhum sítio para ir, pois não?

— Podes sempre escolher, e estou aqui para te ajudar a encontrar a melhor opção para ti. Se souberes onde está a tua mãe...

— Não sei. — Levantara a voz, espetando a cabeça. Os olhos escureceram para uma tonalidade marinha, em contraste com o rosto pálido. — E não quero saber. Se tentar mandar-me para lá, nunca mais me vê.

— Ela fez-te mal? — Anna esperou um segundo, acenando depois ao ver que ele apenas a fitava. — Está bem, vamos esquecer isso por agora. Existem algumas famílias que estão dispostas e são capazes de acolher crianças em casa, de tomar conta delas, de lhes dar uma vida boa.

— Eles não me querem, pois não? — Sentia as lágrimas a querer romper. Maldito fosse se o permitia. Em vez disso, os olhos começavam a aquecer e a queimar, de secos. — Ele disse que eu podia ficar, mas era mentira. Outra mentira de merda.

— Não. — Ela pegou na mão de Seth, antes que ele se levantasse. — Não, eles querem ficar contigo. Para dizer a verdade, o Sr. Quinn... o Cameron... ficou muito zangado comigo quando sugeri que podias ir para outra casa. Só estou a tentar saber o que é que tu queres. E acho que acabaste de mo dizer. Se queres viver com os Quinn, e se for o melhor para ti, quero ajudar-te a conseguir isso.

— O Ray disse que eu podia ficar. Disse que nunca teria de voltar. Prometeu.

— Se puder, vou tentar ajudá-lo a manter essa promessa.

## QUATRO

Uma vez que não havia nada fresco para beber em casa, a não ser cerveja, refrigerantes com gás e um leite de aspecto suspeito, Ethan pôs a chaleira ao lume. Ia fazer um chá, gelá-lo e degustá-lo num copo alto no alpendre, enquanto a noite se instalava.

Já ia na décima quarta hora do seu dia e estava pronto para descontraír.

Não ia ser tarefa fácil, decidira, enquanto procurava saquinhos de chá e ouvia Cam e Seth envolvidos num novo desafio de insultos na sala. Imaginava que deviam gostar bastante, senão não empenhavam tanto tempo naquilo.

Quanto a si, apenas queria uma hora de descanso, uma refeição decente e depois um dos dois charutos que se permita fumar por dia. Pelo andar da carruagem, percebia que a hora de descanso se encontrava longe no horizonte.

Ao deitar saquinhos de chá na água a ferver, ouviu passos nas escadas, seguidos pelo som áspero de uma porta a bater.

— O miúdo dá comigo em doido, — queixava-se Cam, ao entrar de rompante na cozinha. — Não se pode dizer nada sem que arranje motivo de discussão.

— Mm-hmm.

— Argumentativo, espertalhão, problemático. — Sentindo-se imensamente impotente, Cam resgatou uma cerveja do frigorífico.

— Deve ser como veres-te ao espelho.

— Uma ova.

— Nem sei o que me passou pela cabeça. És cá um santinho. — Caminhando no seu ritmo descontraído, Ethan debruçou-se para procurar um velho jarro de vidro. — Vejamos, tinhas acabado de fazer catorze anos quando eu apareci. A primeira coisa que fizeste foi arranjar discussão, para teres desculpa para me esmurrares o nariz.

Pela primeira vez em horas, Cam sentiu-se esboçar um sorriso. — Isso foi apenas uma palmadinha de boas-vindas à família. Além disso, agradeceste-me com um grandessíssimo olho negro.

— É verdade. O miúdo é demasiado esperto para tentar dar-te um murro, — prosseguiu Ethan, começando a deitar colheres generosas de açúcar no jarro. — Em vez disso, dá-te cabo do juízo. Não há dúvida que captou a tua atenção, não achas?

Era irritante, por ser verdade. — Já que o percebes tão bem, porque é que não lidas tu com ele?

— Porque estou na água desde que o Sol nasce até que se põe. Um miúdo daqueles precisa de supervisão. — Essa, pensava Ethan, era a sua teoria e ia agarrar-se a ela com unhas e dentes. — De nós três, és o único que não trabalha.

— Vou ter de tratar disso, — murmurou Cam.

— Ai, sim? — Com um esgar trocista, Ethan acabou de fazer o chá. — Ainda está para vir o dia.

— Mais depressa do que julgas. A assistente social esteve cá hoje.

Ethan grunhiu, permitindo que as implicações navegassem pela sua cabeça. — O que é que queria?

— Investigar-nos. Também quer falar contigo. E com Phillip. Já falou com Seth... e era sobre isso que queria falar com ele, educadamente, quando começou a espumar pela boca outra vez.

Agora, Cam franzia o sobrolho, pensando mais em Anna Spinelli, de fantásticas pernas e pasta aprumada, do que em Seth. — Se não passarmos, ela vai tratar de o tirar daqui.

— Ele não vai a lado nenhum.

— Foi isso que eu disse. — Voltou a passar a mão pelo cabelo, o que, por alguma razão, o lembrou que precisava de um belo corte. Em Roma. Seth não era o único que não ia a lado nenhum. — Mas, mano, muita coisa está prestes a mudar por aqui.

— As coisas estão bem como estão. — Ethan encheu o copo de gelo e serviu o chá por cima, obrigando-o a rachar.

— Para ti, é fácil falar. — Cam passou para o alpendre, deixando a porta quebra-vento bater atrás de si. Foi até ao corrimão, observando o *retriever* da Baía de Chesapeake, Simon, na brincadeira com o cachorrinho gorducho. Lá em cima, Seth obviamente decidira vingar-se colocando o volume do rádio no máximo. Música rock de deixar uma pessoa surda ecoava pelas janelas.

Cam estremeceu o maxilar. Que raios o partissem, se ia dizer ao miúdo para baixar o volume. Seria um grande cliché, uma resposta assustadoramente adulta. Deu um gole na cerveja, lutando por soltar a tensão dos ombros e concentrando-se na forma como o sol poente lançava diamantes brancos sobre a água.

O vento levantara-se de tal forma que a erva do pântano oscilava como um campo de trigo do Kansas. Um casal de patos, que havia assentado arraiais onde a água esmorecia junto às árvores, voou a grasnar.

*Lucy, cheguei*, era a única coisa em que Cam conseguia pensar, e isso quase o fez sorrir de novo.



No meio do ruído da música, ouvia o ranger ritmado da cadeira de balouço. Ao virar-se, cerveja jorrou pelo gargalo da garrafa. Ethan parou de se balouçar e fitou-o.

— O que foi? — Indagou. — Céus, Cam, parece que viste um fantasma.

— Nada. — Cam passou a mão pela cara e depois, baixou-se cautelosamente no alpendre para se encostar ao poste. — Nada, — repetiu, mas pôs a cerveja de lado. — Estou um bocadinho irritado.

— É o que acontece, quando ficas mais de uma semana no mesmo sítio.

— Não abuses da minha paciência, Ethan.

— Foi só um comentário. — E como Cam parecia exausto e pálido, Ethan meteu a mão no bolso do peito da camisa e tirou dois charutos. Não devia fazer mal, mudar a sua rotina de fumar depois do jantar. — Charuto?

Cam suspirou. — Sim, porque não? — Em vez de se mexer, deixou que Ethan acendesse o primeiro e que lho desse. Recostando-se novamente, soltou escassos e ociosos círculos de fumo. Quando a música terminou abruptamente, sentiu que tinha alcançado uma vitória pessoal.

Durante os dez minutos seguintes, o único som que se ouvia era o rumor da água, o canto dos pássaros e o murmurar da brisa. O Sol havia descido, transformando o céu ocidental numa névoa macia e rosada que escorria para a água e inebriava o horizonte. As sombras demarcavam-se.

Era mesmo típico de Ethan, pensava Cam, não fazer perguntas. Sentar-se em silêncio, à espera. Compreender a urgência do sossego. Quase esquecer essa qualidade admirável no irmão. E talvez, Cam admitia, já quase se esquecer do quanto amava o irmão que Ray e Stella lhe haviam dado.

Mas ao recordar-se, não estava bem certo do que fazer acerca disso.

— Vejo que arranjaste os degraus, — comentou Ethan, ao perceber que Cam voltara a descontraír.

— Sim. A casa também está a precisar de uma boa pintura.

— Temos de tratar disso.

Teriam de tratar de uma série de coisas, pensou Cam. Mas o ranger baixo da cadeira de balouço insistia em projectar a sua mente para aquela tarde. — Alguma vez sonhaste acordado? — Podia fazer aquela pergunta, porque era Ethan, e Ethan ia pensar no assunto e levá-lo em consideração.

Depois de pousar o copo quase vazio no alpendre ao lado do balouço, Ethan estudou o charuto. — Bom... acho que sim. Se lhe deres oportunidade, a mente gosta de vaguear.

Podia ser isso, convencia-se Cam. A sua mente teria vagueado — talvez até se tivesse perdido, por instantes. Talvez fosse por isso que ele acre-

ditava ter visto o pai a balouçar-se no alpendre. A conversa? Mera ilusão. Nada mais do que isso.

— Lembras-te quando o pai costumava trazer o violino para aqui? Nas noites quentes de Verão, sentava-se onde tu estás e tocava durante horas. Tinha umas mãos tão grandes.

— Sabia mesmo pôr o violino a cantar.

— Tu também lhe apanhaste o jeito.

Ethan encolheu os ombros, chupando ociosamente o charuto. — Mais ou menos.

— Devias tocar. Ele haveria de gostar.

Ethan girou os olhos calmos, fixando-os nos de Cam. Nenhum dos dois falou por instantes, nem era preciso. — Acho que o farei, mas é cedo. Ainda não estou preparado.

— Pois. — Cam lançou outra baforada de fumo.

— Ainda tens a guitarra que eles te ofereceram no Natal?

— Ficou cá. Não queria que andasse atrás de mim, aos trambolhões. — Cam olhava para os dedos, flexionando-os como se ensaiasse pousá-los de novo sobre as cordas. — Acho que não toco há mais de um ano.

— Talvez pudesses ensinar Seth a tocar. A mãe dizia que tocar qualquer coisa era meio caminho para controlar a agressividade. — Virou a cabeça, assim que os cães começaram a ladrar e a correr ao lado da casa. — Estás à espera de alguém?

— Do Phillip.

Ethan arqueou as sobrancelhas. — Apesar de me ter dito que só vinha na sexta-feira?

— Digamos que se trata de uma emergência familiar. — Cam apagou a ponta do charuto antes de se levantar. — Pelo que é mais sagrado, só espero que traga comida decente e não aquela mixórdia de ervilhas que gosta de comer.

Phillip entrou na cozinha, equilibrando um grande saco em cima de um balde enorme cheio de frango, disparando interjeições de irritação. Despejou a comida em cima da mesa, passando a mão pelo cabelo, e franziu o sobrolho na direcção dos irmãos.

— Cheguei, — explodiu, ao vê-los entrar pela porta das traseiras. — Que raio é que se passa?

— Temos fome, — disse Cam, à vontade, abrindo a tampa da caixa de comida, para pegar numa coxa de frango. — Tens as calças «*sou um executivo*» sujas de terra, Phil.

— Bolas para isto. — Furioso agora, Phillip esfregava impacientemente as pegadas de cão das calças. — Quando é que vais ensinar o idiota do cão a não saltar para cima das pessoas?

— Andas a acartar frango frito, não te admires que o cão queira um pedacinho para ele. Se queres saber, ele é que é esperto. — Sem se sentir ofendido, Ethan foi buscar pratos a um armário.

— Trouxeste batatas fritas? — Cam espreitou para dentro do saco, roubando uma. — Estão frias. É melhor alguém as aquecer. Se for eu, desatam a explodir ou desintegram-se.

— Eu faço isso. Traz alguma coisa para servir a salada de couve.

Phillip respirou fundo, uma e outra vez. A viagem de Baltimore fora longa, e o trânsito um horror. — Quando as duas meninas acabarem de brincar às casinhas, talvez me possam dizer porque é que desmarquei um compromisso com uma R.O.C.<sup>1</sup> de cair para o lado, se querem saber, era já o terceiro, que incluía jantar em casa dela e a óbvia possibilidade de acabar em sexo, e em vez disso, passei umas horas num trânsito miserável para entregar uma merda de uma caixa de frango a uma cambada de idiotas.

— Em primeiro lugar, estou farto de cozinhar. — Cam deitou salada de couve no seu prato e agarrou num biscoito. — E ainda mais farto de deitar para o lixo o que cozinhou, porque nem o cão, que costuma beber água da sanita, lhe consegue tocar. Mas isso é só o começo.

Deu outra dentada robusta no frango, enquanto se dirigia para a porta a gritar por Seth. — O miúdo devia estar aqui. Estamos juntos nisto.

— Ótimo. Maravilhoso. — Phillip deixou-se cair numa cadeira, puxando a gravata.

— Não vale de nada amuares porque a tua contabilista não te vai pôr a ver estrelinhas hoje à noite, pá. — Ethan ofereceu-lhe um sorriso amistoso e um prato.

— A época dos impostos começa a aquecer. — Com um suspiro, Phillip perscrutou a salada. — Agora, se tiver sorte, só vou arrancar-lhe um olhar escaldante depois de quinze de Abril. E estive tão perto.

— Nenhum de nós vai ter muita agitação nos próximos tempos. — Cam deu um trejeito com a cabeça, ao mesmo tempo que os passos de Seth ecoavam pelas escadas. — Os passos de uma criança dão sempre cabo da vida sexual a uma pessoa.

Cam reprimiu a vontade de beber outra cerveja e ficou-se pelo chá gelado, ao ver Seth entrar na cozinha. O rapaz examinou a divisão, espetando o nariz ao sentir o aroma do frango condimentado, mas não mergulhou no balde, como gostaria de ter feito.

— O que é que se passa? — Indagou, enfiando as mãos nos bolsos, sentindo o estômago ansioso.

— Uma reunião de família, — anunciou Cam. — Com comida. Senta-te. — Escolheu outra cadeira para si, ao mesmo tempo que Ethan pou-

1 - Revisora Oficial de Contas. (N. da T.)

sava na mesa as batatas fritas acabadas de aquecer. — Senta-te, — repetiu Cam, ao ver que Seth não se mexera. — Se não tens fome, podes ficar só a ouvir.

— Posso comer. — Seth deu a volta à mesa, deslizando para cima de uma cadeira. — Só pode ser melhor do que aquela nojice que costumás tentar fazer passar como comida.

— Sabes, — disse Ethan, no seu tom de voz apaziguador antes que Cam pudesse ripostar, — se fosse eu, estaria grato por alguém me tentar arranjar uma refeição quente de vez em quando. Mesmo se fosse uma nojeira. — Com os olhos postos em Seth, Ethan espreitou para dentro do balde, analisando as opções. — Especialmente se essa pessoa estivesse a dar o seu melhor.

Como se tratava de Ethan, Seth corou, contorceu-se e, depois, encolheu os ombros ao mesmo tempo que espetava um peito gordo. — Ninguém lhe pediu para cozinhar.

— Mais uma razão. Talvez funcionasse melhor se o fizessem à vez.

— Ele acha que eu não sei fazer nada. — Troçou Seth, olhando para Cam. — Por isso, não faço.

— Sabes, é muito tentador atirar este peixinho de volta para o lago. — Cam deitava sal nas batatas e lutava por manter uma postura serena. — Amanhã a esta hora, já podia estar em Aruba.

— Então, vai. — Os olhos de Seth faiscaram, repletos de raiva e provocação. — Vai para o raio que te parta, desde que desapareças da minha frente. Não preciso de ti.

— Seu fedelho fala-barato. Estou farto disto. — Cam tinha os membros compridos e usava-os agora para disparar a mão até à outra ponta da mesa, pescando Seth da cadeira. Até Phillip abriu a boca em protesto. Ethan abanava a cabeça.

— Achas que gostei de passar as últimas duas semanas a servir de ama-seca a um monstro de nariz empinado e mau feitio? Pus a minha vida em suspenso para tratar de ti.

— Grande coisa. — Seth ficara branco como a cal e preparava-se para o golpe que, sabia, ia chegar. Mas não se deixou ficar. — A única coisa que sabes fazer é coleccionar troféus e comer mulheres. Volta pelo mesmo caminho e fica por lá. Estou-me a borrfifar.

Cam sentia os cantos do seu campo de visão a ficarem vermelhos. A fúria e a frustração irrompiam-lhe no sangue como uma cobra prestes a atacar.

Viu as mãos do pai agarradas aos seus braços. Não as de Ray, mas do homem que lhe batia com elas numa violência banal pelo resto da sua infância. Antes que fizesse algo imperdoável, soltou Seth de novo para a

cadeira. Tinha agora um tom de voz calmo, e a cozinha vibrava com o controlo reencontrado.

— Se achas que fico por tua causa, estás enganado. Fico pelo Ray. Fazes ideia para onde o sistema te vai recambiar, se um de nós decidir que não vales o esforço?

Lares de acolhimento, imaginava Seth. Ou pior, para *ela*. Como sentia as pernas a tremer bastante, enrolou os pés às pernas da cadeira. — Não te importa o que me vão fazer.

— Aí está outra coisa em que estás enganado, — disse Cam, neutro. — Se achas que não te deves sentir grato, óptimo. Não preciso da tua gratidão da treta. Mas é melhor começares a mostrar um certo respeito, e era bom que começasses agora. Não sou só eu quem vai andar atrás desse teu traseiro desgraçado, pá. Somos nós três.

Cam voltou a sentar-se, à espera de recuperar a compostura. — A assistente social que cá veio hoje... Spinelli, Anna Spinelli, está preocupada com o ambiente.

— Qual é o mal do ambiente? — Indagou Ethan. A pequena e sórdida altercação ajudara a aliviar o ar, decidira. Agora, podia entrar em detalhes. — É uma casa boa e sólida, bem situada. A escola é boa, a taxa de criminalidade baixa.

— Fiquei com a impressão que o ambiente sou *eu*. De momento, sou o único que anda aqui a supervisionar as coisas.

— Vamos os três propor-nos como tutores, — comentou Phillip. Serviu um copo de chá gelado e pôs-o casualmente ao lado da mão, que Seth fechara em punho sobre a mesa. Imaginava que a garganta do rapaz estivesse seca como tudo. — Depois de telefonares, falei com o advogado. A papelada dos preliminares deve dar entrada no final da semana. Vai haver um período probatório: estudos ao domicílio regulares e reuniões, avaliações. Mas a não ser que haja alguma objecção grave, não me parece que venhamos a ter algum problema.

— A Spinelli é um problema. — Cam recusava-se a deixar que a alteração lhe tirasse o apetite e tirou mais um pedaço de frango. — É a clássica benfeitora. Pernas fantásticas, cabeça séria. Sei que falou com o miúdo, mas ele não me parece disposto a partilhar a conversa, por isso eu conto a que tive com ela. Ficou bastante esclarecida quanto às minhas habilitações como tutor. Homem solteiro, sem emprego estável nem residência permanente.

— Somos três. — Phillip franziu a testa e espetou a salada de couve. Sentia-se trespassar por uma pontada de culpa, mas não queria saber.

— Foi o que lhe disse. A M'nina Spinelli, dos lindos olhos italianos, deparou-se com a triste evidência de eu ser o único de nós três que vive aqui com o miúdo. E ficou delicadamente implícito que, de nós os três, sou

o candidato menos provável à custódia. Por isso, atirei-lhe a ideia de vivermos todos aqui.

— Como assim, vivermos todos aqui? — Phillip deixou cair o garfo. — Trabalho em Baltimore. Tenho um apartamento. Como raio é que vou viver e trabalhar aqui?

— Isso vai ser um problema. — Concordou Cam. — Mas o maior vai ser conseguires enfiar a roupa toda no guarda-fatos do teu antigo quarto.

Enquanto Phillip tentava balbuciar uma resposta, Ethan batia com o dedo na borda da mesa. Pensava na sua casa pequena e, para ele, perfeita. No sossego e solidão que comportava. E reparou na forma como Seth fitava o prato, com um olhar sombrio e perdido. — Quanto tempo achas que vai demorar?

— Não sei. — Cam arrastou ambas as mãos pelo cabelo. — Seis meses, quem sabe, um ano.

— Um ano. — Phillip limitou-se a fechar os olhos. — Jesus.

— Fala sobre isso com o advogado, — sugeriu Cam. — Vê o que se pode fazer. Mas temos de nos mostrar unidos à Segurança Social, senão tiram-nos o miúdo. E tenho de arranjar trabalho.

— Trabalho. — A infelicidade de Phillip desvaneceu-se num sorriso irónico. — Tu? Vais fazer o quê? Em S. Cristóvão não há circuitos de velocidade. E o Chesapeake, que Deus o guarde, não é de certeza o Mediterrâneo.

— Hei-de encontrar alguma coisa. Estável não quer dizer fino. Não ando à procura de nada que exija vestir um fato Armani.

Tinha-se enganado, percebia Cam. Aquela conversa toda ia *mesmo* estragar-lhe o apetite. — É bem provável que a Spinelli passe por cá amanhã, no máximo depois de amanhã. Temos de resolver isto, e é bom que pareça que sabemos o que raio é que andamos a fazer.

— Vou tirar férias mais cedo. — Phillip acabava de dizer adeus às duas semanas que planeava passar nas Caraíbas. — Com isso, ganhamos algumas semanas. Posso trabalhar com o advogado, e tratar da assistente social.

— Eu trato dela. — Cam esboçou um ligeiro sorriso. — Gosto do aspecto dela, e não me importava de tirar algum proveito disto. Claro que tudo depende do que o miúdo lhe disse hoje.

— Disse-lhe que queria ficar, — murmurou Seth. As lágrimas amargavam-lhe no estômago. A comida permanecia intacta no prato. — O Ray disse que podia. Ele disse que podia ficar aqui. Disse que ia tratar de tudo para que eu ficasse.

— E nós somos o que resta dele. — Cam esperou até Seth erguer o olhar. — Por isso, nós é que vamos tratar de tudo.

...

Mais tarde, quando a Lua já ia alta e a água escura era rasgada pelo seu luminoso raio branco, o vento húmido carregava os despojos agrestes do Inverno, que lutava por não se render à Primavera.

Dentro dele havia uma guerra declarada entre consciência e ambição. Em apenas duas semanas, a vida que planeara, que engendrara meticulosamente, e implementara com deliberação e trabalho puro e simples, desfizera-se em pedaços.

Agora, ainda atordoado pela dor que sentia pelo pai, era-lhe pedido que passasse por cima das suas emoções, que se comprometesse com aqueles planos minuciosos.

Tinha treze anos quando Ray e Stella Quinn o acolheram. A maior parte deles havia sido passada na rua, a evitar o sistema. Era um ladrão de mão-cheia, um burlão entusiasta que usava drogas e álcool para disfarçar os horrores. Os esquemas de Baltimore eram o seu território, e quando um carro a alta velocidade disparou aleatoriamente sobre ele e o deixou a sangrar naquelas ruas, preparou-se para morrer. Para pôr um fim em tudo aquilo.

Na verdade, a vida que levava até acabar numa sarjeta, enterrado em lixo, acabou nessa noite. Sobreviveu e, por razões que nunca compreendeu, os Quinn quiseram ficar com ele. Apesar das inúmeras tentativas para os afastar, eles não permitiram que o fizesse.

Deram-lhe opções, esperança e uma família. Deram-lhe a oportunidade de se educar, e foi isso que lhe salvou a alma. Usou o que lhe haviam dado para se tornar no homem que era hoje. Estudara e trabalhara, e enterrou bem fundo aquele rapazinho miserável

O seu lugar na Innovations, a grande empresa de publicidade que ficava na área metropolitana da cidade, estava garantido. Ninguém duvidava que Phillip Quinn estava no caminho certo para o topo. E ninguém que conhecia o homem que usava fatos elegantes feitos à medida, que sabia pedir uma refeição num francês perfeito e que sabia sempre qual era o vinho adequado, podia acreditar que um dia havia vendido o corpo por meia pataca.

Orgulhava-se disso, talvez até em demasia, mas considerava ser aquele o seu legado para os Quinn.

Dentro dele, ainda sentia resquícios daquele rapaz egoísta, auto-suficiente que se rebelava perante a ideia de abdicar disso. Mas era demasiado evidente o homem que Ray e Stella haviam moldado, para pensar sequer em pô-lo em prática.

De certa forma, tinha de encontrar um meio-termo.

Virou-se, olhando para a casa lá atrás. O primeiro piso estava às escuras. Àquela hora, Seth já estaria deitado, pensava Phillip. Não tinha certeza alguma quanto ao que sentia em relação ao rapaz. Reconhecia-o, compreendia-o, e talvez se ressentisse um pouco ao ver certas coisas de si no jovem Seth DeLauter.

Seria filho de Ray?

Ali estava Phillip, pensativo, de dentes cerrados — com um ressentimento ainda maior perante essa possibilidade. Será que o homem que venerara mais de metade da sua vida tinha mesmo caído do pedestal, sucumbindo à tentação, ao trair a mulher e a família?

Se fosse esse o caso, como é que podia virar as costas a quem era do seu próprio sangue? Como é que aquele homem, que fez de estranhos seus filhos, podia ter ignorado por mais de uma década um filho que era corpo do seu corpo?

*Já temos problemas que cheguem*, lembrava-se Phillip. O primeiro era manter a promessa. Ficar com o rapaz.

Fez o caminho de volta, guiando-se pela luz do alpendre das traseiras. Cam estava sentado nos degraus, Ethan na cadeira de balouço.

— Amanhã de manhã vou a Baltimore, — anunciou Phillip. — Vou ver o que o advogado pode fazer. Disseste que a assistente social se chama Spinelli?

— Sim. — Cam embalava uma chávena de café puro. — Anna Spinelli.

— Deve ser de fora, talvez de Princess Anne. Vou investigar isso. — Pormenores, pensava ele. Queria concentrar-se nos factos. — A meu ver, vamos ter de passar por três cidadãos modelo. Comigo é fácil. — Phillip esboçou um sorriso fechado. — Vocês dois vão ter de trabalhar bastante o papel.

— Já disse à Spinelli que ia arranjar emprego. — Só de pensar nisso, Cam ficava com náuseas.

— Se fosse a ti, não me precipitava. — Quem se pronunciara fora Ethan, que se embalava em silêncio, na sombra. — Tenho uma ideia. Quero pensar um pouco mais nela. Parece-me, — prosseguiu, — que comigo e com o Phil por perto, os dois a trabalhar, tu podias ficar a tratar da casa.

— Oh, céus, — foi a única coisa que Cam conseguiu dizer.

— É mais ou menos isto. — Ethan fez uma pausa, embalando-se, para continuar. — Serias aquilo a que se chama tutor principal. Estás disponível se a escola telefonar por causa de algum problema, se o Seth adoecer ou coisa assim.

— Faz sentido, — concordou Phillip e, sentindo-se melhor, sorriu para Cam. — És a mamã.



— Vai à merda.

— Isso não são maneiras da mamã falar.

— Se achas que vou ficar pr'aqui a lavar as vossas meias sujas e a esfregar a sanita, estás a desperdiçar a bela educação de que tanto te orgulhas.

— É só temporário, — disse Ethan, apesar de gostar da imagem do irmão de avental, à cata de teias de aranha com um espanador de penas na mão. — Podemos fazer turnos. Seth já devia ter algumas tarefas atribuídas. Nós tínhamos. De qualquer forma, nos próximos dias vai cair-te tudo em cima, enquanto Phillip pensa numa forma de resolver a questão legal e eu vejo se posso dar uma volta ao meu tempo.

— Tenho assuntos meus para tratar. — O café começava a queimar-lhe um buraco no estômago, mas Cam bebeu-o mesmo assim. — Tenho os meus pertences espalhados pela Europa fora.

— Bom, Seth está na escola o dia todo, não está? — Distraído, Ethan baixou-se para afagar o cão que ressonava junto à sua cadeira.

— Ótimo, tudo bem. — Cam desistiu. — Tu, — exclamou, apontando para Phillip, — vê se fazes umas compras quando voltares. Não temos nada em casa. E o Ethan pode pegar no que trouxeres e fazer uma refeição. Toda a gente faz a sua cama, raios partam. Não sou criado de ninguém.

— Então, e o pequeno-almoço? — Indagou Phillip, ríspido. — Não vais mandar os teus homens para o trabalho logo de manhã sem uma refeição quente, pois não?

Cam entreolhou-o, desafiador. — Isto dá-te um certo gozo, não dá?

— Ao menos isso. — Sentou-se nos degraus ao lado de Cam, recostando-se sobre os cotovelos. — Alguém devia falar com o Seth por causa do palavreado que costuma usar.

— Oh, pois. — Cam limitou-se a roncar. — Isso deve funcionar.

— Se começar a praguejar daquela maneira à frente dos vizinhos, da assistente social, dos professores, vai acabar por dar má impressão. Por falar nisso, como é que ele vai na escola?

— Como queres que saiba?

— Bom, mãe... — Phillip grunhiu, depois riu-se ao sentir o cotovelo de Cam espetar-se nas suas costelas.

— Continua assim e vais acabar com outro fato desfeito, chico-esperto.

— Deixa-me trocar de roupa e já te mostro do que sou capaz. Ou melhor ainda... — Phillip arqueou a sobrancelha, deslizando o olhar na direcção de Ethan, depois de novo para Cam.

Aprovando o plano, Cam coçou o queixo e pousou a chávena vazia. Correram pelos degraus acima numa velocidade tal que Ethan nem teve tempo para pestanejar.

Cerrou o punho na direcção deles, mas foi bloqueado, enquanto o arrastavam da cadeira pelas axilas e pelos tornozelos, praguejando o tempo todo. Simon saltou para ladrar alegremente, correndo em círculos à volta dos homens que carregavam do alpendre o seu dono contrariado.

Na cozinha, em resposta, o cachorro abanava a cauda e latia. Para o manter por perto, Seth pegou no pedaço de frango que viera comer e deitou-o ao chão. Enquanto Tolinho se deleitava, Seth observava, espantado e confuso, as silhuetas que se dirigiam para as docas.

Descera para encher o estômago vazio. Estava habituado a movimentar-se em silêncio. Enchera a boca de frango e ficara a ouvir os homens a conversar.

Parecia que o iam deixar ficar. Apesar de não saberem que ele estava a ouvi-los, pelo tom, parecia que era ponto assente. Pelo menos por agora, decidira, até que se esquecessem que haviam feito uma promessa, ou que já não se importassem.

Sabia que as promessas não significavam coisa alguma.

Excepto as de Ray. Ele acreditara em Ray. Mas agora que ele não estava ali, que morrera, tudo se desmoronara. Ainda assim, cada noite que passava naquela casa, por baixo de lençóis lavados com o cachorrinho aninhado a seu lado, era como uma evasão. Quando decidissem abandoná-lo, haveria de estar preparado para fugir.

Preferia morrer, a voltar para o sítio de onde viera, antes de conhecer Ray Quinn.

O cachorrinho farejava agora a porta, atraído pelo som dos risos, latidos e gritos. Seth deu-lhe mais um pouco de frango para o distrair.

Também queria ir até lá fora, correr pelo relvado e juntar-se às gargalhadas, à brincadeira... àquela família. Mas sabia que não seria bem-vindo. Sabia que iam parar e ficar a olhar para ele, perguntando-se que raio é que ele estava a fazer, e como é que haveriam de resolver a questão.

Depois, diziam-lhe para ir para a cama.

Oh, céus, como queria ficar. A única coisa que queria era estar ali. Seth encostou o rosto à porta corta-vento, desejando do fundo do coração pertencer ali.

Ao ouvir o clamor longo e risonho de Ethan, seguido do barulho que fez ao cair na água e os vivas de satisfação masculina logo a seguir, sorriu.

E ali ficou, a sorrir, enquanto uma lágrima se escapulia e deslizava despercebida pela sua face abaixo.

Anna chegou cedo ao trabalho. Era provável que a sua supervisora já estivesse sentada na secretária dela. Podia sempre contar que Marilou Johnston estivesse na secretária, ou nas imediações.

Marilou era uma mulher que Anna admirava e respeitava. Quando precisava de algum conselho, não havia mais ninguém cuja opinião valorizasse mais.

Quando a viu esticar a cabeça para espreitar pela porta aberta do escritório, Anna esboçou um sorriso. Lá estava Marilou, tal como esperava, soterrada atrás de arquivos e papelada amontoada em cima da secretária. Era uma mulher pequena, mal chegando ao metro e meio. Usava o cabelo bem apanhado tanto por questões práticas quanto estéticas. Tinha um rosto suave, como ébano polido, e uma expressão facial que não perdia a compostura mesmo durante as piores crises.

Um porto de abrigo, era assim que Anna muitas vezes via Marilou. Apesar de não conseguir imaginar como é que conseguia estar sempre calma, com uma vida preenchida por uma carreira exigente, dois filhos adolescentes e uma casa que, Anna comprovava, estava constantemente apinhada de gente.

Anna ansiava muitas vezes em ser como Marilou Johnston quando crescesse.

— Tens um minuto?

— Claro que sim. — A voz de Marilou soara rápida e vivaça, carregada de sotaque da margem sul que comia algumas sílabas aqui e ali. Com uma mão, acenou para Anna se sentar numa cadeira, enquanto brincava com a argola dourada que pendia da sua orelha esquerda. — O caso Quinn-DeLauter?

— Acertaste à primeira. Ontem tinha uns quantos faxes à minha espera do advogado dos Quinn. De uma firma de Baltimore.

— O que é que o nosso advogado de Baltimore tem a dizer?

— A questão é que eles querem a custódia. Ele vai apresentar uma petição em tribunal. Estão a levar muito a sério esta história de Seth DeLauter ficar lá em casa, sob a custódia deles.

— E?

— É uma situação invulgar, Marilou. Até agora, ainda só falei com um dos irmãos. Aquele que vivia na Europa, até há bem pouco tempo.

— Cameron? Impressões?

— Não há dúvidas que ele sabe deixar uma. — E porque Marilou também era sua amiga, Anna permitiu-se um sorriso irónico, revirando os olhos. — Um regalo para a vista. Encontrei-o quando estava a consertar os degraus do alpendre das traseiras. Não posso dizer que tivesse cara de um homem feliz, mas não há dúvidas que parecia determinado. Via-se uma raiva imensa, e um sofrimento vincado. O que mais me impressionou...

— Mais do que o aspecto?

— Mais do que o aspecto, — concordou Anna, rindo, — foi o facto de nunca ter posto em causa ficar com Seth. Era um facto incontornável. Chamou irmão a Seth. Do fundo do coração. Não tenho a certeza se sabe exactamente o que sentir em relação a isso, mas era sentido.

Continuou, enquanto Marilou ouvia sem fazer comentários, contando os pormenores da conversa, a vontade de Cam em mudar de vida, os seus hábitos, preocupado que Seth pudesse quebrar se o tirassem de casa.

— E, — prosseguiu ela, — depois de falar com Seth, estou inclinada a concordar com ele.

— Achas que o rapaz é dos que fogem?

— Quando sugeri uma família de acolhimento, ele ficou zangado, ressentido. E com medo. Caso se sinta ameaçado, é capaz de fugir. — Pensou em todas as crianças que acabaram nas agruras da rua, nos subúrbios, sem abrigo, desesperadas. Pensou no que faziam para sobreviver. E pensou nas que nem sequer conseguiam sobreviver.

Era trabalho dela manter esta criança, este rapaz, em segurança.

— Ele quer lá ficar, Marilou. Talvez tenha essa necessidade. Nutre sentimentos muito fortes, e bastante negativos, em relação à mãe. Suspeito de maus tratos, mas ele ainda não se sente preparado para falar disso. Pelo menos, não comigo.

— Há alguma novidade quanto ao paradeiro da mãe?

— Não. Não fazemos ideia onde possa estar, ou do que poderia fazer. Assinou os papéis que permitiam a Ray Quinn dar entrada com o processo da adopção, mas ele morreu antes de o concluir. Se ela voltar e quiser o filho... — Anna abanava a cabeça. — Os Quinn vão ter uma guerra entre mãos.

— Parece que já escolheste o lado deles.

— Estou do lado de Seth, — retorquiu Anna, com firmeza. — E é aí que estarei sempre. Falei com os professores dele. — Enquanto falava, puxou uma pasta de arquivo. — Tenho aqui um relatório. Hoje volto lá para falar com alguns vizinhos e espero encontrar-me com os três Quinn. É possível que se interrompa a custódia temporária até eu concluir o estudo inicial, mas não me agrada nada. O miúdo precisa de estabilidade. Precisa

de se sentir desejado. E mesmo que os Quinn só o queiram por causa de uma promessa, acho que é muito mais do que ele alguma vez teve.

Marilou pegou na pasta, colocando-a de lado. — Dei-te este caso porque sei que não te limitas a ver o óbvio. E mandei-te sem saberes de nada porque queria ver a abordagem que farias. Agora vou contar-te o que sei sobre os Quinn.

— Conhece-los?

— Anna, nasci e fui criada na Costa. — Soltou um lindo sorriso. Era uma simples constatação, mas na qual tinha bastante orgulho. — Ray Quinn foi meu professor na faculdade. Admirava-o tremendamente. Quando os meus rapazes eram pequenos, Stella Quinn era pediatra deles, até nos mudarmos para Princess Anne. Gostávamos muito dela.

— Ontem quando ia de carro a caminho de lá, desejei muito tê-los conhecido.

— Eram pessoas excepcionais, — disse Marilou, com simplicidade. — Normais, de certa forma, simples até. E excepcionais. Senão, ouve só isto, — acrescentou, recostando-se na cadeira. — Acabei o curso na faculdade há dezasseis anos. Os três Quinn eram adolescentes. De vez em quando, ouviam-se umas histórias. Era possível que fossem um pouco selvagens, e as pessoas perguntavam-se por que motivo Ray e Stella tinham pegado em rapazes crescidos, com tendências marginais. Eu estava grávida do Johnny, o meu primeiro filho, e esfalfava-me a trabalhar para conseguir acabar o curso, e ajudar o meu marido, Ben, a pagar a renda. Ele tinha dois empregos. Queria que tivéssemos uma vida melhor, e mais do que tudo, para o bebé que estava para nascer.

Fez uma pausa, trazendo a moldura de duas faces para mais perto, de forma a conseguir ver os dois jovens que sorriam para ela. — Também me perguntei. Pensava que eram malucos, ou que andavam a brincar aos bons samaritanos. Um dia, o Professor Quinn chamou-me ao gabinete dele. Andava a faltar às aulas. Tinha os piores enjoos matinais que alguma mulher já teve.

Ainda fazia algumas caretas. — Juro que não entendo como é que algumas mulheres menosprezam este tipo de coisa. De qualquer forma, pensava que ele ia sugerir que eu desistisse da aula dele, o que significava perder todos os créditos que tinha acumulado para acabar o curso. Estava quase lá, mesmo quase, e ia ser a primeira da família com um curso superior. Estava disposta a lutar. Em vez disso, ele queria saber o que podia fazer para ajudar. Fiquei sem fala.

Ela sorriu, lembrando-se, depois lançou um olhar luminoso na direcção de Anna. — Sabes como a faculdade pode ser impessoal... os anfiteatros enormes, em que um estudante não passa de mais um rosto na

multidão. Mas ele reparou em mim. E despendera do seu tempo para tentar saber o que se passava comigo. Desatei a chorar. Hormonas, — disse ela, com um sorriso perverso. — Bom, ele deu-me uma palmadinha na mão, ofereceu-me um lenço e deixou-me esgotar as lágrimas. Estava com uma bolsa de estudo, e se as minhas notas descessem ou se chumbasse a uma cadeira, podia perdê-la. Só me faltava mais um semestre. Ele disse que não me preocupasse, que tudo se haveria de resolver, e que eu ia conseguir acabar o curso. Começou a dizer trivialidades, para me acalmar. Contou-me uma história em que ensinou o filho a conduzir. Fez-me rir. Só mais tarde é que percebi que ele não estivera a falar de um dos rapazes que acolhera. É que não era isso que eles eram para ele. Eram dele.

Doida por um final feliz, Anna suspirou. — E acabaste o curso.

— Ele ajudou muito. Devo-lhe isso. Foi por essa razão que não te contei isto até formares as tuas próprias impressões. Quanto aos três Quinn, na verdade não os conheço. Vi-os em dois funerais. Vi Seth DeLauter com eles no do Professor Quinn. Por motivos pessoais, gostaria de lhes dar a hipótese de serem uma família. Mas... — Encostou as palmas das mãos uma à outra. — O bem-estar do rapaz está à frente de tudo isso, e da estrutura do sistema. És meticulosa, Anna, e acreditas na estrutura e no sistema. O Professor Quinn haveria de querer o melhor para Seth, e para pagar uma velha dívida, encarreguei-te dele.

Anna soltou um grande suspiro. — Sem pressão, sim?

— Aqui o que não falta é pressão. — Como se esperasse a deixa, o telefone começou a tocar. — E o relógio não pára.

Anna levantou-se. — Então, é melhor deitar mãos à obra. Parece que vou passar o dia em trabalho de campo.

Era quase uma da tarde quando Anna estacionou na entrada dos Quinn. Conseguira entrevistar três dos cinco nomes que Cam lhe dera no dia anterior, e esperava conseguir muitos mais dentro em breve.

Ao telefonar para o escritório de Phillip Quinn, soube que ele estava de licença nas duas semanas seguintes. Esperava encontrá-lo ali, e assim conseguir elaborar uma impressão de outro Quinn.

Mas foi o cachorrinho que a recebeu. Ladrava ferozmente, ao mesmo tempo que recuava para se afastar dela. Anna observava, divertida, o terror do pobrezinho expresso em urina. Com uma gargalhada, acocorou-se, estendendo a mão.

— Então, fofura. Não te vou fazer mal. Não és lindo, uma doçura? — Continuou a sussurrar até que ele se deitou para lhe cheirar a mão, para depois rolar em êxtase enquanto ela lhe coçava a barriga.

— Não sabe se ele está cheio de pulgas e carraças.

Anna olhou para cima e viu Cam de pé na porta de entrada. — E eu também não sei se você as tem.

Com uma sonora gargalhada e as mãos enfiadas nos bolsos, saiu para o alpendre. Hoje trazia um fato castanho, reparou ele. Por mais que tentasse, não conseguia imaginar porque escolhera uma cor tão monótona. — Parece que está disposta a arriscar, visto que está de volta. Não contava vê-la tão cedo.

— Está em jogo o bem-estar de um rapaz, Sr. Quinn. Nestas circunstâncias, não costumo perder tempo.

Obviamente seduzido pela voz dela, o cãozinho saltou e lambeu-lhe a cara. Sem que o conseguisse impedir, saltou um risinho — um som que levou Cam a erguer as sobrancelhas — e, defendendo-se da língua ávida do cãozinho, levantou-se. Aprumou o casaco. E a dignidade.

— Posso entrar?

— Porque não? — Desta vez, ele esperou por ela, até lhe abriu a porta e deixou-a entrar primeiro.

Ela encontrou uma sala de estar ampla e bastante arrumada. A mobília revelava algum desgaste, mas tinha um aspecto confortável e colorido. A espineta ao canto chamou-lhe a atenção. — Costuma tocar?

— Nem por isso. — Sem se dar conta, Cam passou a mão pela madeira. Não reparou que os dedos deixavam rasto no pó. — A minha mãe é que tocava, e o Phillip também tem jeito.

— Hoje de manhã tentei contactar o seu irmão Phillip, no escritório.

— Saiu, para fazer umas compras. — Satisfeito por ter ganho aquela batalha, Cam sorriu um pouco. — Ele vai viver aqui... num futuro muito próximo. E Ethan também.

— Você trabalha depressa.

— Está em jogo o bem-estar de um rapaz, — disse ele, fazendo eco do que ela dissera.

Anna acenou. Ao ouvir o ribombar distante dos trovões, olhou lá para fora, franzindo a testa. A luz esmorecia, e começava a levantar-se vento. — Gostava de falar consigo sobre o Seth. — Mudou a pasta de mão, olhando para uma cadeira.

— Vai demorar muito?

— Não sei dizer.

— Então, talvez seja melhor conversarmos na cozinha. Quero um café.

— Tudo bem.

Ela foi atrás dele, levando algum tempo a estudar a casa. Estava tão arrumada que a levou a indagar se Cam não estaria à espera dela. Passaram por um pequeno quarto, onde o pó se acumulava por cima das mesas, o

sofá cheio de jornais espalhados e sapatos que forravam o chão.

*Esqueceste-te deste, não foi?* — Pensou ela, com um sorriso irónico. Mas achou que era encantador.

Depois, ouviu o seu gemido rápido e perverso e quase pulou nos sapatos sempre práticos.

— Bolas. Merda. Que raio foi isto? Que mais vai acontecer a seguir? Jesus Cristo. — Ele já atravessava o chão da cozinha cheio de poças de água com detergente, a correr para dar um safanão na máquina de lavar louça.

Anna recuou para evitar a inundação. — Se fosse a si, desligava isso.

— Sim, sim, sim. Agora tenho de arranjar esta merda. — De rompan-te, abriu a porta. Jorrou um oceano de espuma branca.

Anna mordeu o interior da bochecha, pigarreando. — Que espécie de detergente é que usou?

— Detergente para a louça. — Vibrando de frustração, tirou um balde debaixo do lava-louça.

— Detergente da louça ou detergente para a *máquina* da louça?

— Qual é o raio da diferença? — Furioso, começava a ceder. Lá fora, a chuva começava a formar um lençol espesso e contínuo.

— É esta. — Mantendo o rosto admiravelmente sério, ela gesticulou para o rio que corria livre pelo chão. — Aqui está a diferença. Se usar o líquido para lavar a louça à mão na máquina de lavar louça, é este o resultado inevitável.

Ele endireitou-se, de balde na mão, com uma expressão irritada e sofrida, ao que ela não conseguiu resistir e soltou uma gargalhada. — Desculpe, desculpe. Olhe, vire-se de costas.

— Para quê?

— Porque não estou disposta a estragar os sapatos nem as meias. Por isso, vire-se enquanto me dispo e já lhe dou uma ajuda.

— Está bem. — Pateticamente grato, virou-se de costas e esforçou-se por imaginá-la a despír os *collants*. Mas o seu melhor não era suficiente, apesar de saber que o esforço é que contava. — O Ethan é que costumava tratar de quase todas as tarefas da cozinha quando éramos miúdos. Eu fazia a minha parte, mas parece que já esqueci tudo.

— Imagino que esteja fora do seu elemento. — Arrumou com cuidado as meias dentro dos sapatos, colocando-os de lado. — Traga-me uma esfregona. Eu limpo, você trata do café.

Ele abriu um armário comprido e estreito, passando-lhe uma esfregona. — Obrigado.

As pernas dela, reparava ele enquanto procurava as canecas, não precisavam de meias. Eram de um dourado pálido e fascinante, delicadas como seda. Quando ela se debruçou, ele passou a língua pelos dentes. Não fazia



ideia que uma mulher de esfregona na mão pudesse ser tão... atraente.

Era um prazer incomensurável, pensava ele, estar ali, com a chuva a bater, o vento a assobiar, e uma mulher bonita e descalça a fazer-lhe companhia na cozinha. — Você parece estar no seu elemento, — comentou ele, sorrindo depois, quando ela girou a cabeça e o fitou com um olhar maléfico. — Não quero dizer que é trabalho de mulher. A minha mãe esfolava-me vivo se eu pensasse nisso sequer. Só estou a dizer que parece que sabe o que está a fazer.

Como trabalhara nas limpezas para sustentar o curso universitário, sabia muito bem. — Sei trabalhar com uma esfregona, Sr. Quinn.

— Uma vez que está a limpar o chão da minha cozinha, talvez seja melhor chamar-me Cam.

— Em relação a Seth...

— Sim, em relação a Seth. Importa-se que me sente?

— Faça favor. — Controlou-se, antes de começar a cantarolar. A tarefa despreocupada, a chuva, o isolamento, eram demasiado relaxantes. — De certeza que sabe que fui ontem falar com ele.

— Sim, e também sei que ele lhe disse que queria ficar aqui.

— Pois disse, e isso consta do meu relatório. Também falei com os professores dele. Tem acompanhado o percurso escolar dele?

Cam mudou de posição. — Ainda não tive muito tempo para me inteirar.

— Mmm-hmm. Quando se matriculou pela primeira vez, teve alguns problemas com os outros alunos. Andava à pancada. Partiu o nariz de um rapaz.

Bem feito, pensou Cam, com um ligeiro trejeito de orgulho, mas fez os possíveis para assumir uma postura reprovadora. — Quem é que começou?

— Não é isso que importa. No entanto, o seu pai tratou do assunto. De momento, disseram-me que Seth anda muito reservado. Não participa nas aulas, o que é outro problema. Quase nunca entrega os trabalhos de casa e os que se dá ao trabalho de fazer são quase sempre uma desgraça.

Cam sentia que começava a emergir uma nova dor de cabeça. — Então, o miúdo não é nada estudioso...

— Pelo contrário, — Anna endireitou-se, para se apoiar na esfregona. — Se participasse nas aulas, e se fizesse os trabalhos de casa a tempo e horas, seria um aluno brilhante. Com a situação actual, já não é nada mau.

— Então, qual é o problema?

Anna fechou os olhos por momentos. — O problema é que o QI de Seth e os testes de avaliação são incrivelmente elevados. O rapaz é brilhante.

Apesar de ter dúvidas quanto a isso, Cam acenou. — Então, isso é bom. E tem notas decentes, além de não se meter em confusões.

— Está bem. — Ela ia tentar uma abordagem diferente. — Imagine que estava numa corrida de Fórmula Um...

— Já lá estive, — retorquiu ele, numa reminiscência nostálgica. — Já o fiz.

— Pronto, e tinha o carro melhor, mais rápido e mais excitante do circuito.

— Exacto. — Suspirou. — Pois tinha.

— Mas nunca pôs à prova as suas plenas capacidades, nunca foi prego a fundo, nunca deu gás nas curvas ou meteu uma quinta e aproveitou as rectas.

Ele ergueu o sobrolho. — Costuma ver as corridas?

— Não, mas conduzo.

— Tem um belo carro. Até onde é que o puxou?

A cento e quarenta quilómetros por hora, pensava ela com secreta satisfação, mas nunca o admitiria. — Considero o carro um meio de transporte, — retorquiu, mentindo com afectação. — Não um brinquedo.

— Não vejo nenhum motivo para não ser ambos. Porque é que não vem dar uma volta comigo no *Vette*? Isso é que eu chamo diversão nos meios de transporte.

Apesar de ter adorado deixar-se levar pela fantasia, e deslizar para trás do volante daquela bala branca e esguia, tinha uma causa a defender. — Tente não dispersar da analogia. Vai numa corrida com uma máquina espectacular. Se não conduzir o carro da forma que deve, acaba por desperdiçar o seu potencial, e talvez até ganhe dinheiro, mas não ganha a corrida.

Ele percebeu onde ela queria chegar, mas não podia deixar de sorrir. — Normalmente, ganhava.

Anna abanou a cabeça. — Seth, — disse com uma paciência admirável. — Estamos a falar de Seth. Está anti-social e desafia a autoridade constantemente. Já foi suspenso várias vezes da escola. Precisa de supervisão aqui em casa, no que diz respeito a este aspecto da vida dele. Vai ter de desempenhar um papel activo na vida escolar e no comportamento dele.

— Acho que se devia deixar em paz um miúdo que tem boas notas. — Mas ele levantou a mão antes que ela pudesse falar. — Potencial. O meu potencial foi estimulado pelas melhores pessoas. Vamos trabalhar nisso.

— Ótimo. — Ela regressou à esfregona. — Recebi notificações do seu advogado em relação à custódia. É provável que lha concedam, pelo menos temporariamente. Mas é melhor esperar visitas regulares da Segurança Social.

— Ou seja, você.

— Ou seja, eu.

Cam faz uma pausa. — Sabe lavar vidros?

Como era mais forte do que ela, riu-se ao deitar a água cheia de espuma no lava-louça. — Também conversei com alguns vizinhos e ainda me faltam outros. — Virou-se de costas. — A partir de agora, a sua vida é para mim um livro aberto.

Ele levantou-se, pegou na esfregona e, para satisfação sua, aproximou-se um centímetro mais do que era considerado educado. — Avise-me quando chegar a um capítulo que a interesse, a nível pessoal.

O coração dela bateu duas vezes com força de encontro às costelas. Um homem perigoso, pensou ela, a nível pessoal. — Não posso perder tempo com ficção.

Começou a recuar, mas ele pegou-lhe na mão. — Gosto de si, M'nina Spinelli. Ainda não percebi porquê mas gosto.

— Isso deve facilitar o nosso relacionamento.

— Errado. — Deslizou o polegar pelas costas da mão dela. — Vai complicar ainda mais. Mas eu não me importo com as complicações. E já está na hora de a sorte me voltar a bafejar. Gosta de comida italiana?

— Sendo Spinelli o meu apelido?

Ele sorriu. — Claro. Estou a precisar de uma refeição sossegada num restaurante decente, com uma mulher bonita. Que tal hoje à noite?

— Não vejo nenhum motivo para não ter uma refeição sossegada num restaurante decente com uma mulher bonita, hoje à noite.

Deliberadamente, ela soltou a mão. — Mas se me está a convidar para sair, a resposta é não. Em primeiro lugar, não seria muito inteligente; depois, tenho um compromisso.

— Bolas, Cam, não me ouviste a buzinar?

Anna virou-se e viu um homem ensopado e com um ar zangado e amargo, que carregava dois sacos cheios de compras para dentro da cozinha. Era alto, bronzeado e bastante bonito. E completamente doido.

Abanando a cabeça, Phillip tirou o cabelo dos olhos e focou o olhar em Anna. A mudança de expressão foi rápida e suave — da rispidez à sedução, no intervalo de um batimento cardíaco.

— Olá. Desculpem. — Largou os sacos em cima da mesa e sorriu para ela. — Não sabia que o Cam tinha companhia. — Espreitou para dentro do balde, a esfregona entre os dois, e tirou a conclusão errada. — Não sabia que ele ia contratar alguém para as tarefas domésticas. Mas graças a Deus que o fez. — Phillip agarrou-lhe na mão, beijando-a. — Já a estou a adorar.

— O meu irmão Phillip, — disse Cam, seco. — Esta é Anna Spinelli, da Segurança Social. Já podes fechar a boca, Phil.

O charme não se alterou nem desvaneceu. — Menina Spinelli. É um prazer conhecê-la. Acho que o nosso advogado entrou em contacto consigo.

— Sim, entrou. O Sr. Quinn disse-me que vai viver aqui também.

— Já lhe pedi que me tratasse por Cam. — Avançou para o fogão, para se servir de mais café. — Torna-se confuso, se desatar a chamar Sr. Quinn a todos nós. — Cam ouviu baterem na porta das traseiras e tirou outra caneca. — Especialmente agora, — acrescentou, ao ver a porta escancarar-se, deixando entrar um homem e um cão ensopados.

— Cristo, esta merda caiu bem depressa. — Enquanto Ethan despia o impermeável, o cão permanecia a seus pés, sacudindo-se furiosamente. Anna encolheu-se, ao ver a água salpicar-lhe o fato. — Nunca vi nada assim...

Viu Anna e automaticamente tirou o chapéu ensopado, passando depois a mão pelo cabelo molhado aos caracóis. Ao ver a mulher, o balde, a esfregona, pensou, com uma certa culpa, nas botas cheias de lama. — Minha senhora.

— O meu outro irmão, Ethan. — Cam entregou a Ethan uma chave-na-de-café a fumar. — O teu cão acabou de sacudir água e pêlos para cima da nossa assistente social.

— Desculpe. Simon, senta-te.

— Deixa lá, — continuou Cam. — O Tolinho já a babou toda, e o Phillip acabou de tentar seduzi-la.

Anna sorriu complacente. — Pensei que você é que me estava a tentar seduzir.

— Só a convidei para jantar, — corrigiu Cam. — Se estivesse a tentar seduzi-la, não teria sido tão subtil. — Cam bebericou o café. — Bom, agora já conhece a equipa toda.

Ela sentiu-se em minoria, e muito pouco profissional, ali de pé naquela cozinha mal iluminada, descalça, encarando três homens enormes e deliciosamente bem-parecidos. Como defesa, procurando toda e qualquer réstia de dignidade, foi buscar uma cadeira.

— Meus senhores, não se querem sentar? Esta parece ser a altura ideal para discutirmos como tencionam cuidar de Seth. — Inclinou a cabeça na direcção de Cam. — Num futuro próximo.

— Bom, — disse Phillip uma hora depois. — Acho que nos safámos bem.

Cam estava na porta da frente, a observar o belo carro desportivo a afastar-se, debaixo da chuva fina. — Ela já nos percebeu, — murmurou Cam. — Não lhe escapou nada.

— Gostei dela. — Ethan espreguiçava-se na grande cadeira de ba-

louço, permitindo que o cãozinho lhe saltasse para o colo. — Não comeces com essa mente suja, Cam, — sugeriu ele, ao ver que Cam se ria. — Disse que gostei dela. É inteligente, profissional, mas não é fria. Parece ser uma mulher que se importa.

— E tem umas belas pernas, — acrescentou Phillip. — Mas independentemente disso tudo, vai tomar nota sempre que fizermos asneira. Neste momento, acho que estamos em vantagem. Temos o miúdo, e ele quer ficar. A mãe dele fugiu sabe Deus para onde e não está a levantar ondas... por agora. Mas se a bela Anna Spinelli falar com demasiadas pessoas de S. Cristóvão, vai começar a ouvir rumores.

Mergulhou as mãos nos bolsos e começou a caminhar. — Não sei se vão tomar o nosso partido ou não.

— São apenas rumores, — disse Ethan.

— Pois, mas são dos piores. Temos grandes hipóteses de ficar com Seth por causa da reputação do pai. Se essa reputação for por água abaixo, vamos ter batalhas para travar em várias frentes.

— Quem quiser denegrir a reputação do pai, vai enfrentar mais do que uma mera batalha.

Phillip virou-se para Cam. — É isso mesmo que temos de evitar. Se começarmos a arranjar conflitos, só vamos piorar as coisas.

— Então, trata tu da diplomacia. — Cam encolheu os ombros e sentou-se no braço do sofá. — Eu trato dos conflitos.

— Diria que é melhor lidarmos com os factos concretos, e não com suposições. — Pensativo, Ethan acariciou o cãozinho. — Tenho pensado nesta questão. Vai ser difícil para o Phillip viver aqui e passar a vida a caminho de Baltimore. Mais cedo ou mais tarde, o Cam vai-se fartar de brincar às casinhas.

Já estava nessa fase.

— Estava a pensar que podíamos pagar a Grace para tratar da lida da casa. Talvez uns dias por semana.

— Ora, aí está uma ideia que não me importo nada de apoiar a cem por cento. — Cam deixou-se cair no sofá.

— O problema é que, assim, ficas com muito pouco para fazer. A ideia é que estejamos aqui os três, que partilhemos a responsabilidade de cuidar de Seth. É isso que diz o advogado, e é isso que diz a assistente social.

— Já disse que ia procurar trabalho.

— A fazer o quê? — Perguntou Phillip. — Numa bomba de gasolina? Na apanha da ostra? Eras capaz de te aguentar alguns dias.

Cam inclinou-se para a frente. — Sou persistente. E tu? Parece-me mais provável que, passada a primeira semana de licença, te comecem a telefonar de Baltimore, a saber quando é que podes voltar. Porque é que

não ficas cá, a trabalhar numa bomba de gasolina ou na apanha da ostra por uns tempos?

A discussão era inevitável. Em minutos, já ambos se tinham levantado e quase roçavam os narizes. Foram precisas várias tentativas até Ethan fazer valer a sua voz. Cam recuou e, com um confuso franzir da testa, virou-se. — O que foi?

— Disse que acho que devíamos tentar construir barcos.

— Construir barcos? — Cam abanou a cabeça. — Para quê?

— Para fazer negócio. — Ethan puxou de um charuto, mas passou-o pelos dedos em vez de o acender. A mãe não teria permitido que fumasse dentro de casa. — Nos últimos anos, imensos turistas têm acorrido à região. Além disso, muita gente tem vindo a mudar-se cá para baixo, para sair da cidade. Gostam de alugar barcos. Gostam de ter barcos. No ano passado, construí um nos tempos livres para um tipo da capital. Um pequeno esquife de quatro metros. Há uns meses, ligou-me para saber se eu estava interessado em construir outro. Quer um barco maior, com camarote e cozinha.

Ethan voltou a enfiar o charuto no bolso. — Tenho pensado nisso. Sozinho, nos meus tempos livres, ia demorar meses.

— Queres que te ajudemos a construir um barco? — Phillip pressionou os dedos nos olhos.

— Um barco, não. Estou a falar de montar um negócio.

— Eu já tenho um negócio, — murmurou Phillip. — Trabalho em publicidade.

— Íamos precisar de alguém que tivesse esse tipo de conhecimentos, no caso de abirmos um negócio. A construção naval tem tradição nesta zona, mas parece que em S. Cris já ninguém se dedica a ela.

Phillip sentou-se. — Já te ocorreu que talvez haja um motivo para isso?

— Sim, já me ocorreu. E pensei nisso, por isso, imagino que seja por ninguém querer arriscar. Estou a falar de barcos de madeira. Veleiros. Uma especialidade. E já temos um cliente.

Cam esfregava o queixo. — Bolas, Ethan, não faço um trabalho desses a sério desde que construímos a tua traineira. Já foi há... Jesus... quase dez anos.

— E tem-se aguentado, não tem? É porque fizemos um belo trabalho. É um risco, — acrescentou, sabendo que aquela palavra era meio caminho andado para o coração de Cam.

— Temos dinheiro para os custos iniciais, — murmurou Cam, ambientando-se à ideia.

— Como é que sabes? — Indagou Phillip. — Não fazes ideia de quanto é preciso para os custos iniciais.

— Haveremos de descobrir. — Uma jogada de dados, pensava Cam. Não havia nada que gostasse mais. — Sabe Deus como prefiro agarrar num martelo do que no tubo de um aspirador. Contem comigo.

— Sem mais nem menos? — Phillip lançou as mãos ao ar. — Sem pensar em mais nada, nas perdas ou lucros, nas licenças, impostos, seguros. Onde raio é que vão montar o estaleiro? Como é que vão gerir a parte administrativa?

— Esse problema não é meu, — disse Cam com um sorriso irónico. — Acho que é teu.

— Eu tenho emprego. Em Baltimore.

— Eu tinha vida própria, — disse Cam, com simplicidade, — na Europa.

Phillip afastou-se dele, deu meia volta, e regressou. Estava encurralado, era a única coisa em que conseguia pensar. — Farei os possíveis para dar andamento às coisas. Talvez seja um grande erro, e vai custar muito dinheiro. E talvez seja melhor vocês dois pensarem na assistente social, que deve franzir o nariz ao ver que entramos num negócio arriscado, nesta altura. Não vou deixar o meu emprego. Pelo menos, é um vencimento seguro.

— Eu falo com ela sobre isso, — decidiu Cam, num impulso. — Quero ver a sua reacção. Falas com a Grace sobre a lida da casa? — Perguntou a Ethan.

— Falo, hoje vou até ao pub e pergunto-lhe.

— Óptimo. Assim tratas tu do Seth hoje à noite. — Sorriu num esgar para Phillip. — Vê se ele faz os trabalhos de casa.

— Oh, céus.

— Agora que está tudo resolvido, — Cam recostou-se, — quem é que vai fazer o jantar?